

Jornal de Letras

Opiniões

Depoimentos

Novos Lançamentos

Entrevista

Literatura Infantil

Número:

284

Mês: Outubro

Ano: 2022

Preço: R\$ 5,00



ACESSE:
www.jornaldeletras.com.br

Evanildo Bechara: uma vida entre palavras

Estamos no mês dos professores. Homenagear, em qualquer situação, os nossos mestres é uma questão de justiça. “Um país se faz com homens e livros”, dizia, muito apropriadamente, Monteiro Lobato. Com efeito, não são muitos países que têm o privilégio de abrigar gênios como o professor Evanildo Bechara, eternizado nas páginas de suas obras, que multiplicam, com o esforço da sua inteligência e do seu trabalho, o imenso legado do estudo da língua de nossos antepassados. (Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)

JL Editorial

O “Dia do Professor” é uma boa oportunidade para homenagear todos aqueles aos quais devemos uma parcela ponderável da nossa gratidão. No nosso caso, temos uma dívida especial com o professor Evanildo Bechara, mestre da língua portuguesa, hoje devotado à Academia Brasileira de Letras, onde presta serviços à sua Comissão de Lexicografia. Está atualizando o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa e dirige o Dicionário de Machado de Assis, com previsão para ficar pronto em meados do próximo ano. Vai também prestar um inestimável serviço à nossa língua, treinando professores da matéria para o exercício na Secretaria de Educação do Rio de Janeiro. Vamos acompanhar de perto essa relevante atividade.

O Editor.



No lançamento da obra *Coleção Luiz Carlos Ritter*, na Pinakothek do Rio de Janeiro, a acadêmica Nélida Piñon, entre Ricardo Linhares e Luiz Carlos Ritter.

“Muitas vezes é a falta de caráter que decide uma partida.
Não se faz literatura, política e futebol com bons sentimentos.”

Nelson Rodrigues

JL Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier

Editora-adjunta: Beth Almeida

Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman

Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com

Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048

Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).

Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.

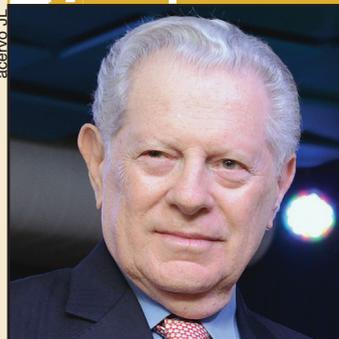
Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114

Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO
INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.

JL Opinião

Arnaldo Niskier



SOS Língua Portuguesa

Reiteradas vezes temos dito, na Academia Brasileira de Letras, que a nossa obrigação primeira é cuidar com desvelo da língua portuguesa. E isso, naturalmente, parte da educação oferecida aos jovens estudantes. Com dados oficiais, agora divulgados pelo Ministério da Educação, pode-se concluir que houve um grande recuo no ensino fundamental. A proporção de crianças sem saber ler no 2º ano praticamente dobrou após a pandemia. Isso certamente afetará os resultados do que chamamos de índices de leitura. É claro que uma coisa está ligada a outra, a exigir urgentes providências pedagógicas, em especial nos estudos da 2ª e da 3ª série do ensino fundamental.

O assunto foi debatido em reunião especial, na semana passada, na Comissão de Lexicografia e Lexicologia da Academia. Presentes os seus membros Evanildo Bechara, Domício Proença e Arnaldo Niskier. Foi sugerido que a ABL ofereça ao Ministério da Educação um estudo sobre a matéria, com a criação de um grupo de trabalho e a realização de sessões especiais destinadas a acolher professores de Língua Portuguesa do sistema público de ensino, de forma gratuita. Os primeiros trabalhos seriam feitos com a parceria da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro.

Ficou evidente que a pandemia reduziu o aprendizado em toda a educação básica, com prejuízo, inclusive, na área de matemática (ênfase na 5ª série). Pode-se avaliar desde logo os estragos que esse fato provocará em todo o desenvolvimento do extrato do ensino médio. Calar diante disso não é aconselhável.

Esse projeto poderá ser estendido a outros Estados, desde que haja o necessário acordo. Os resultados alcançados provam que a solução proposta pelo governo (educação domiciliar) não surtiu qualquer efeito positivo.

Com esses resultados (queda no número de pontos em Português e Matemática), não há dúvida de que o Brasil se comportará muito mal nas avaliações feitas pelo Pisa. O país vai retroceder. Conclui-se que a alfabetização a distância foi um fracasso. É sempre necessária a mediação de um professor presencial. E assim se poderá ter esperança de melhores resultados ao longo de todo o ensino fundamental, e não somente na 2ª e na 3ª séries.

“Se me pergunto por que amo a literatura, a resposta que me vem espontaneamente à cabeça é: porque ela me ajuda a viver.”

Todorov

“Pagaí o mal com o bem, porque o amor é vitorioso no ataque e invulnerável na defesa.”

Lao Tse

Professor Godofredo de Oliveira Neto toma posse na ABL

Por Maria Cabral

O catarinense Godofredo de Oliveira Neto tomou posse na Academia Brasileira de Letras (ABL), em bonita cerimônia no Petit Trianon. O escritor vai ocupar a cadeira de número 35, cujo antecessor foi o jurista Candido Mendes (1928-2022). Dois intelectuais e professores que se dedicaram à educação no Brasil. Candido Mendes morreu em 17 de fevereiro deste ano. Os ocupantes anteriores foram Rodrigo Octavio (fundador) – que escolheu como patrono Tavares Bastos – Rodrigo Octavio Filho, José Honório Rodrigues e Celso Ferreira da Cunha.

No seu discurso de posse, Oliveira Neto defendeu o acolhimento às diferenças e a extinção de todo e qualquer tipo de preconceito: “Escolhas necessárias, fundamentais e estruturantes que exigem, se desejarmos uma nação ciente do seu caminho civilizatório, banir o preconceito étnico, o preconceito religioso, o antissemitismo, a misoginia, a homofobia, o etarismo, a violência e o preconceito de gênero e o racismo. Vidas negras e vidas indígenas importam, vidas e a integridade das mulheres importam!”, disse.

“Ele é muito bem-vindo. É um ótimo romancista, um especialista no



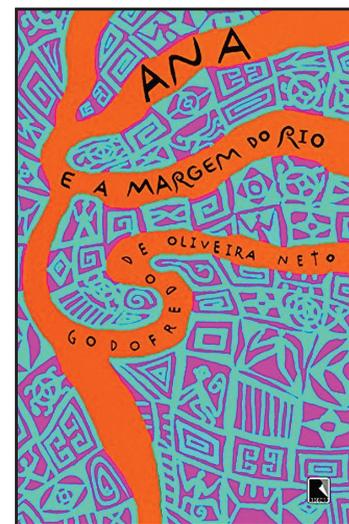
idioma também, tendo feito parte de comissões internacionais de estudo da língua”, enalteceu Ana Maria Machado, imortal da ABL, em seu discurso de recepção do novo acadêmico.

Formado em Letras pela Universidade de Paris, com doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e pós-doutorado na Georgetown University, nos Estados Unidos, há mais de 40 anos é professor do Departamento de Letras da UFRJ, e pesquisador da literatura brasileira.

“Minha linha é valorizar muito o sistema de educação. Acho que é fundamental para a soberania nacional, os centros de pesquisa universitários e outros, principalmente, para autoestima e a democracia brasileira”, afirmou Godofredo, que destacou, ainda, a importância do estudo da relação entre realidade e linguagem como fundamento para a aquisição do conhecimento. Para exemplificar esse legado, citou os antecessores da Cadeira 35: “Candido Mendes abraçava a formação religiosa como um alto valor educativo. A força espiritual capaz de trazer à tona, a homens e mulheres, a virtude e a renúncia a desvios éticos. Capaz de serenar a inquietude e o desconsolo da condição humana. Capaz de alterar o sentimento de abandono para um mundo de paz, de enlevo e de felicidade. Celso Cunha alia à exímia especialização do cientista do século XX premido pela velocidade do conhecimento científico e técnico, a memória, a razão e a imaginação dos enciclopedistas do século XVIII”, completou.

Godofredo Neto nasceu há 71 anos em Blumenau, Santa Catarina. É romancista e contista, autor de 21 livros, além de diversos artigos para jornais e periódicos, tendo sido premiado com uma estatueta do Prêmio Jabuti, em 2006. Seus romances *Menino Oculto* e *Amores Exilados* foram traduzidos para o francês e lançados no 35º Salão do livro de Paris-2015. O livro *Ana e a margem do Rio* foi publicado na Bulgária e recebeu no Brasil o selo de “Altamente Recomendável”, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

Como manda a tradição, ele recebeu o colar, a espada e o diploma de acadêmico.



Ana e a Margem do rio, um dos sucessos de Godofredo de Oliveira Neto, foi publicado pela Editora Record.

Museu do Ipiranga

Por Raquel Naveira*

Todo museu é um lugar fascinante e misterioso. Quem gosta da vida, gosta do passado, ele é o presente que sobreviveu na memória humana, disse a romancista Marguerite Yourcenar. O Museu do Ipiranga ou Museu Paulista é o meu preferido. O palácio com ricos jardins, pousado num verde parque onde cantam sabiás e periquitos, erigido no local em que aconteceu o evento histórico da Independência do Brasil, guarda um poderoso laço afetivo com os que o visitam.

Lembro-me tão bem quando era criança e lá estive pela primeira vez, numa manhã fria e ensolarada, de boina e uniforme plissado cor-de-vinho com a professora e as colegas. A emoção, o impacto de ficar frente a frente com vultos anunciadores de antigos tempos.

A professora, que nos servia de guia, explicava: a escadaria do palácio representa o rio Tietê, ponto de partida dos bandeirantes rumo ao interior do país. Ao lado, esferas com águas dos rios desbravados. No saguão central, uma estátua de D. Pedro I em bronze, seguida das estátuas dos bandeirantes

Borba Gato, Antônio Raposo, Fernão Dias. Botas, chapéus, coletes, bacarmates esculpidos na pedra. Subindo os degraus, o imenso quadro “Grito da Independência”, do pintor Pedro Américo. Cena fantástica: o riacho, os cavalos, os soldados em roupas de gala, penachos e espadas nos ares. A obra foi encomendada pela Família Real quando a mesma investia na construção do edifício. É romântica releitura. Os poucos soldados, na verdade, estavam montados em jumentos e mulas, vestidos em mangas de camisa. D. Pedro, dizem, não ostentava esse semblante de vitória, pois sentia dores de diarreia e cansaço. Mas o grito ecoou pelas margens e foi potente: “Independência ou Morte.”

Continuamos em fila pelos corredores: os móveis, as camas com dossel, as cômodas-papeleiras cheias de penas e tinteiros, as armas, as joias, as medalhas, os selos, as carruagens, as indumentárias. E nas pinturas das paredes, os olhos dos barões e das marquesas nos acompanhavam vívidos, úmidos.

Em nichos de vidro, coleções de retratos de família, as experiências

aeronáuticas de Santos Dummont, as partituras das óperas de Carlos Gomes, os objetos de cerâmica do cotidiano dos índios e os moedores de café, que trituram eternamente os grãos negros desse universo de trabalho, sangue, sonhos e lutas.

Descemos até o subsolo da cripta, que abriga os restos mortais de D. Pedro I e suas esposas: Leopoldina e Amélia. Cadáveres colocados lado a lado em seus caixões, rodeados por quilos de granito. Essa sensação de luz da verdade e sombra da morte impregnou-se em mim, em minha visão do mundo e da História, desde aquela manhã.

Muito mais tarde, acompanhei com renovada emoção a notícia da exumação daqueles corpos por uma equipe composta de arqueólogos, médicos e físicos responsáveis pela análise dos despojos. De D. Pedro, o libertador soberano, homem de cabelos pretos e olhos brilhantes, contraditório, impulsivo, autoritário, ambicioso, grosseiro, generoso e sedutor, capaz de amar e odiar com volúpia e extremos; desse jovem estabonado, idealista, injusto e agressivo, desejoso de fazer o bem, que não acreditava em diferença racial, direto no relacionamento com os súditos. Enfim, desse imperador falho e humano, restaram as costelas quebradas que perfuraram seu coração, matando-o aos trinta e seis anos. De Leopoldina, arquiduquesa de Áustria, mulher obesa de bela face, culta, obrigada a conviver com um marido adúltero, criado em estrebarias, numa corte provinciana; dessa que foi humilhada, afrontada com más palavras, chutes e perturbações, mas que demonstrou grandeza de caráter; dessa que exigiu numa carta endereçada ao esposo a Independência, sobraram pedaços puídos da roupa de sua coroação e a faixa de Imperatriz do Brasil. E de Amélia de Leuchtenberg, bela e refinada como uma rosa fresca, que amava os bailes e o cerimonial francês, cativando a todos com afeto e atitudes firmes, veio a surpresa: estava intacta, múmia rescendendo a cânfora e mirra, segurando entre os dedos a cruz de prata.

O Museu do Ipiranga ficará fechado ainda por muitos anos. Há que se restaurar fissuras e brechas em sua estrutura. Lamento. Por enquanto, crianças e professores não andarão mais pelas alas, galerias e varandas. Vim menina aqui, pensei. Voltei meu rosto em direção ao sol. O palácio ficou para trás, luzindo, resplandecendo para sempre.

*Raquel Naveira é membro do PEN Clube do Brasil.

(O Museu do Ipiranga, depois de nove anos fechado para reforma, reabriu no dia 7 de setembro de 2022, em comemoração ao Bicentenário da Independência)

● A 64ª EDIÇÃO do prêmio Jabuti bateu recorde de inscrições, este ano. No total, foram 4.290 livros inscritos. A última lista, com os cinco finalistas de suas respectivas categorias, será apresentada no dia 08 de novembro.

● DOIS LIVROS do acadêmico Inácio de Loyola Brandão vão virar filmes. Os romances *Dentes ao Sol* e *O Beijo Não Vem da Boca* tiveram seus direitos comprados para adaptação. O cineasta José Eduardo Belmonte está trabalhando nos roteiros, com ajuda do próprio escritor.

● PARA PRESTAR um tributo à força transformadora dos livros, José Roberto Castro Neves reuniu nomes como Merval Pereira, Rosiska Darcy de Oliveira, Nelson Motta, Rodrigo Lacerda, Mary del Priori, entre outros, para visitar as grandes obras de suas vidas. O resultado está na obra *O Livro que Mudou a minha Vida*, publicado com o selo da Nova Fronteira.

● O *MENINO QUE CONHECIA O FIM DA NOITE* (Ed. Rocquinho), com ilustrações de Lucia Koranyi, é o sétimo livro da escritora e jornalista Míriam Leitão dirigido ao público infantil.

● EM COMEMORAÇÃO ao 120º aniversário natalício do presidente Juscelino Kubitschek, o Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal promoveu o lançamento do livro *O Pensamento do Presidente Juscelino*, de Adilson Vasconcelos, com organização do Senador Izalci Lucas.

● MARIA BETHÂNIA vai participar de uma série documental com 4 episódios dirigidos por Estevão Ciavatta, para a plataforma HBO. A cantora fará a leitura de trechos de autores clássicos da literatura brasileira. A proposta é um olhar inédito sobre as línguas e os dialetos que formam a identidade brasileira.

● A FEIRA INTERNACIONAL do Livro de Pequim, no Centro Internacional de Exposições da China, foi remarcada para acontecer entre os dias 24 e 27 de novembro.

● O RESULTADO DO Prêmio Literário Centenário Darcy Ribeiro, promovido pela Federação das Academias de Letras do Brasil, será anunciado a partir do dia 15 deste mês. Os trabalhos premia-

dos serão publicados na revista da FALB.

● LILIA MORITZ SCHWARCZ, Lúcia Klück Stumpf e Carlos Lima Junior analisam a formação complexa de nossa identidade nacional, na obra *O Sequestro da Independência* (Companhia das Letras).

● *IDEIAS EM CONFRONTO* (Ed. Todavia), da professora Cecília Helena de Salles Oliveira, apresenta um novo olhar sobre os embates e personagens que motivaram a Independência do Brasil.

● A HERANÇA DE Carolina Maria de Jesus virou alvo de disputa. Quatro netas da escritora entraram na Justiça para obter mais informações sobre o patrimônio da autora de, entre outras obras, *Quarto de Despejo* (1960), que já vendeu cerca de 3 milhões de livros traduzidos em 16 idiomas.

● EM *O livro do Deslembamento* (Ed. Pallas), o premiado angolano Ondjaki conta com lirismo as histórias de um menino esperto que aprende a ver o mundo além da família.

● NA OBRA *Limites da Democracia* (Todavia), o professor Marcos Nobre atualiza suas análises sobre o país e aponta as causas e os possíveis desdobramentos da política brasileira em ano eleitoral.

● A PARTIR DE estudos que traçam desde as documentações mais antigas sobre o tema, Jean Marcel Carvalho França organiza, em cinco capítulos do livro *História da Maconha no Brasil* (Jandaíra), o percurso histórico da cannabis no país.

● EM *Os Sinos da Agonia* (HarperCollins), Autran Dourado recria o mito grego de Fedra e Hipólito, em que a protagonista se apaixona pelo próprio enteado, questionando sobre desejo, destino e o que é a verdade.

● UM DOS ÚLTIMOS romances de Simone de Beauvoir – *As Belas Imagens* – ganhou reedição da Nova Fronteira, com prefácio inédito da professora e pesquisadora Magda Guadalupe dos Santos.

● O *ARMÁRIO DE BEBIDAS* (Globo Livros), da ensaísta Leslie Jamison, apresenta uma reflexão profunda sobre vício, sexo, amor e salvação.

O PLANETA DOS PALHAÇOS



● APONTADO PELA revista *Time* como um dos melhores livros juvenis (YA, YoungAdult) de todos os tempos, *A Filha do Guardião do Fogo*, primeiro romance de Angeline Boulley, ganhou tradução de Bruna Miranda para a Editora Intrínseca.

● MOMENTOS HEROICOS do Brasil foram marcados pela atuação decisiva de mulheres. Sete delas são lembradas na obra *Independência – As mulheres que estavam lá* (Ed. Bazar do Tempo), organizada por Heloisa Starling e Antonia Pellegrino.

● PIONEIRA NA cobertura de automobilismo no país, a jornalista gaúcha Mariana Becker lançou seu primeiro livro: *Não Invente, Mariana* (Editora Labrador).

● TRADUTORA, ensaísta e professora, Dirce Waltrick do Amarante registrou em livro as aventuras do ofício em *Metáforas da tradução*, lançado pela Iluminuras.

● MISTURANDO GÊNERO epistolar, ensaio biográfico, autoficção e reflexão acadêmica, Ana Leticia Leal homenageia uma das mais prolíficas escritoras do país em *Para Lygia Bojunga, a Mulher que Mora nos Livros* (Ed. Rebulição).

● A EDITORA Sesc lançou *Underground*, coletânea de textos do gaúcho Luiz Carlos Maciel (1938-2017), pensador de múltiplos talentos intelectuais.

● NO LIVRO *Judy – O arco-íris é aqui* (Ed. Imago), Flávio Marinho celebra o centenário de nascimento da lendária atriz e cantora Judy Garland (1922-2022), além de seus 35 anos de carreira como escritor e diretor.

● *FURIOSAMENTE CALMA* (Ed. Numa) reúne 49 contos curtos de Denise Crispun, comentando questões sobre a própria escrita.

● EM *Onde Choram as Crianças* (Ed. Faria e Silva), Eugênia Ribas Vieira constrói uma obra delicada, com especial destaque para o trabalho de linguagem.

● O PÚBLICO TEM até o dia 20 de novembro para visitar a exposição Calder+Miró, na Casa Roberto Marinho. A mostra conta com 150 itens, numa oportunidade única (gratuita) de conhecer as obras destes expoentes da arte do século XX.

● A PREMIADA SÉRIE em quadinhos *Monstros (Monsters)*, de Barry Windsor-Smith, vencedora do Eisner (o Oscar das HQ) em três categorias, foi lançada no Brasil pela Todavia.

● PROFESSORA DE História das Américas na UFF, Yanê Lopes dos Santos lançou *Racismo Brasileiro: Uma história da formação do país* (Todavia).

● O *FUNK NA BATIDA: BAILE, RUA E PARLAMENTO* (Edições Sesc), de Danilo Cymrot, propõe um olhar sobre as contradições que envolvem o funk brasileiro.

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Festa ruim

“Mariana disse que não ia mas na festa de aniversário da sua prima.”

Não deve ir mesmo, escrevendo dessa forma. Há muita confusão com o emprego das palavras **mas** e **mais**. A conjunção adversativa **mas** possui sentido de oposição. Deve ser utilizada para criar relação de oposição entre duas orações. Como sinônimo de *porém*, *contudo*. Para acrescentar alguma informação necessária para o entendimento. Ex.: “Essa rua é muito bonita, **mas** está mal preservada.”

Já a palavra **mais** é advérbio, significando em maior quantidade ou intensidade. Deve ser utilizada para dar sentido de maior quantidade, maior intensidade. Para criar uma relação de adição. Antônimo de *menos*. Ex.: “Quanto mais eu rezo, mais assombração me aparece.” (ditado popular).

Frase correta: “Mariana disse que não ia mais na festa de aniversário da sua prima.”

Conta errada

Jussara, chamando o neto para entrar no brinquedo do parque de diversões: “Jonas, é só três pessoas.”

E a concordância verbal, como fica?

Jussara deveria ter dito: “Jonas, **são só** três pessoas.”

Lima limoeiro

“Aurélio queria cortar a lima usando uma lima.”

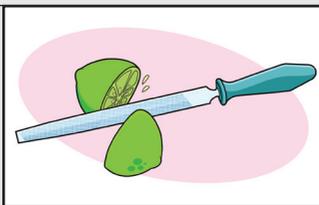
Não acho que a lima seja a ferramenta adequada, uma pequena faca seria melhor, de todo modo, a construção da frase está perfeita.

Veja:

Podemos ver a aplicação das **homônimas perfeitas** (grafia e som iguais, porém com significados diferentes).

Lima (ferramenta cuja lâmina metálica é lavrada de finas estrias dentadas, para, por fricção, polir, desbastar ou serrar um metal ou outro material duro).

Lima (Pequena árvore (*Citrus aurantifolia*) rutácea, cítreo; fruto da limeira).



Vamos aprender a usar o por que

Por que – O por que (separado, sem acento) tem dois empregos distintos: Quando for a junção da preposição por + pronome interrogativo que, terá o significado de “por qual motivo” ou “por qual razão”:

Ex.: “Por que você não vai ao jogo?” (por qual razão).

“Não sei por que nem desejo seus carinhos” (por qual motivo).

Quando for a junção da preposição por + pronome relativo que, terá o significado de “pelo qual” e poderá ter as seguintes flexões:

pela qual, pelos quais, pelas quais.

Ex.: “As praias por que passamos eram maravilhosas” (pelas quais).

Por quê – Quando vier antes de um ponto (final, interrogativo, exclamação), o por quê deverá vir acentuado e manterá o significado de “por qual razão”, “por qual motivo”. Exs: “Por que eles não limparam tudo? **Por quê?**”

“Carregar sacos de cimento nas mãos, por quê? Vamos levar o carrinho de obra.”

Porque – É uma conjunção podendo indicar a explicação, ou alguma causa.

Ex.: “Não fui ao colégio porque estou em casa, doente” (pois).

“Não fale dos outros porque é algo muito feio!” (uma vez que)

Porquê – É um substantivo e significa “motivo”, “razão”.

Vem acompanhado de determinante, como um artigo, pronome, adjetivo ou numeral.

Ex.: “O porquê de não sair de casa é para respeitar a ordem dos médicos” (motivo).

“Me diga o porquê de não sair da rua” (uma razão).

Autoria desconhecida

“Reginaldo reivindicava a co-autoria do livro sobre o reinado de Elizabeth.”

Não vai ter seu pedido aceito! Não se usa mais o hífen quando o prefixo terminar em vogal e a segunda palavra começar com uma vogal diferente.

Ex. “Luísa ficou nervosa na primeira aula prática de voo livre.” Frase correta: “Reginaldo reivindicava a coautoria do livro sobre o reinado de Elizabeth.”

Entrada errada

“Elisa entrou para dentro de casa quando começou o tiroteio.”

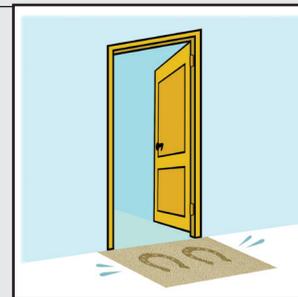
Escrevendo assim, era melhor ter ficado do lado de fora.

É uma redundância. Um exagero! Entrar é sempre para dentro.

Sair é sempre para fora. Subir é para cima. Descer é para baixo.

Prefira simplesmente: entrar, sair, subir, descer.

Período correto: “Elisa entrou em casa quando começou o tiroteio.”



Paula Brito e o início de um mercado livreiro

Por Getúlio Marcos Pereira Neves*

A história do livro no Brasil deve muito no seu início ao empresário – livreiro e editor – Francisco de Paula Brito (1809 - 1861). Brito é hoje mais conhecido por ter acolhido o jovem Machado de Assis, então iniciante nos trabalhos tipográficos e das letras. Mas sua importância para a indústria do livro e para a formação de uma “classe” de escritores, naquele início do fortalecimento da vida intelectual do país, não pode ser esquecida.

Mulato, filho de carpinteiro, Paula Brito foi um incentivador da convivência entre artistas, principalmente literatos, nos anos de meados do século XIX. Uma tendência iniciada tempos antes, na livraria de Louis Mongie, no n. 87 da Rua do Ouvidor. Ali, literatos se reuniam para palestrar, fazendo do local um clube literário informal, contando Joaquim Manoel de Macedo nas suas *Memórias da Rua do Ouvidor*. Até que Paula Brito criou, na sua livraria situada na então Praça da Constituição, a famosa Sociedade Petalógica (peta = mentira), congregando poetas, romancistas, compositores, artistas plásticos e dramáticos, lideranças políticas, e onde “mentia-se por brincadeira, e por irreverência, fazia-se graça, conversava-se sobre literatura e teatro, declamavam-se versos. Valia tudo” (MACHADO, Ubiratan. Dicionário de Machado de Assis. Rio de Janeiro: ABL, 2008).

Autodidata, tendo aprendido a ler e escrever com a irmã, Brito complementou sua educação convivendo com um círculo de amigos inteligentes e letrados. Aprendiz na Typographia Nacional, empregou-se inicialmente com o livreiro e impressor René Ogier. Daí foi para o *Jornal do Commercio*, de Plancher, para cuja editora seus conhecimentos linguísticos fizeram-no o tradutor de francês. Já em 1831 estava Brito estabelecido, num ambiente comercial quase inteiramente ocupado por ingleses, portugueses e franceses – estes últimos dominando o negócio dos livros. Em 1855, trabalhavam para ele 60 funcionários (HALLEWEL, Laurence. O livro no Brasil. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2017).



Francisco de Paula Brito.

Dentre outras bem-sucedidas iniciativas comerciais (entre as quais a obtenção do apoio pessoal de D. Pedro II, mas sem abdicar da neutralidade política), descobriu um filão comercial no mercado feminino, o que desaguiaria na publicação da famosa revista *Marmota*. O periódico durou até 1864, e permitiu ao jovem Machado de Assis a ocupação de revisor, passando aí a publicar colaborações do alto dos seus 17 anos de idade.

Num ambiente de consolidação do interesse por uma ainda tímida litera-

tura nacional, foi Paula Brito o primeiro a assumir o risco de editar livros por conta própria, não às custas do autor. Nesse regime, publicou, em 1843, o que é tido pelos críticos como o primeiro romance brasileiro com valor literário: *O Filho do Pescador*, de Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa. Entre outros, publicou também Gonçalves Dias e Martins Pena. E Machado de Assis: *Queda que as Mulheres Têm pelos Tolos* e *Desencantos*, ambos de 1861 – “tudo indica que às suas custas”, informa-nos Ubiratan Machado.

A ascensão de Paula Brito, devida ao seu esforço próprio, e o exemplo que deixou, fruto de seu labor e habilidades pessoais, influenciaram aqueles inícios do negócio livreiro no Brasil. Pranteando seu desaparecimento, em crônica no Diário do Rio de Janeiro, diz Machado de Assis do benfeitor que “nestes tempos, de egoísmo e cálculo, deve-se chorar a perda de homens que, como Paula Brito, sobressaem na massa comum dos homens”.

*Getúlio Marcos Pereira Neves, membro do PEN Clube do Brasil.

Sete de Setembro de 1822, independência ou divórcio?

Por José Botafogo Gonçalves*

Naquela data, culminou-se um processo de absoluta originalidade na história moderna do ocidente, que consistiu na conquista de terras, ainda por serem descobertas por Espanha e Portugal, a leste do Atlântico Sul e sua efetiva ocupação física e política no início do século XVI, daí resultando a invenção do Estado Brasil, português falante, e dos Estados hispano-americanos, castelhano falantes. O Estado Brasil, por obra do invasor português, manteve-se unificado até os dias de hoje, diferentemente das antigas colônias hispânicas, que se fragmentaram em uma variedade de Estados independentes. A primeira pergunta que me faço é a seguinte: A bula “Intercetera” e o Tratado de Tordesilhas podem ser entendidos como uma clássica ação de colonialismo europeu em desrespeito às civilizações, populações, Estados com fronteiras definidas de que foram vítimas países asiáticos ou africanos? No caso específico do Atlântico Sul, que Estados ou civilizações foram “invadidas”, “colonizadas” ou submetidas tanto do ponto de vista social como do ponto de vista econômico às autoridades invasoras, em substituição ou destruição das autoridades pré-existentes à chegada desses povos europeus?

Vou me concentrar apenas no caso de Portugal e sua colônia “Brasil-Terra de Santa Cruz”, ocupada por Cabral a partir da costa atlântica do atual Estado da Bahia. Os historiadores divergem sobre a quantidade de habitantes indígenas nas terras então ocupadas pelos portugueses. Vamos adotar a cifra de 5 milhões. Parece evidente que se possa dizer que o “espaço Brasil” era escassamente habitado por aborígenes locais, mesmo assim divididos em dezenas de tribos independentes ou mesmo inimigas, falando uma variedade de línguas ou dialetos ainda que originárias de troncos comuns. Quem foi o colonizador? Quem foi o colonizado? Os colonizadores portugueses se associaram a tribos a eles aliadas para combater os invasores franceses, de Cabo Frio à Baía de Guanabara. Houve genocídio de indígenas? Certamente que não, já que Portugal, diminuto Estado Nação na Península Ibérica, era escassamente povoado e não podia prescindir da cooperação física e laboriosa dos indígenas originários de tribos amigas. Como reagiram as tribos “invadidas”? Pelos critérios de sociólogos do século XXI, Portugal destruiu as civilizações locais, tanto do ponto de vista físico como do ponto de vista cultural. Ainda hoje esses sociólogos de fim de semana teimam em afirmar que o Estado Brasil não tem o direito de exercer sua soberania sobre os remanescentes “povos indígenas” ou “comunidades quilombolas”! Tais afirmações configuram um anacronismo cultural e histórico! Pior, ignoram que muitas tribos indígenas consideravam um progresso social e político a absorção em suas tribos, dos hoje chamados invasores portugueses. A instituição do “cunhadismo” era largamente utilizada. Os caciques tribais ofereciam suas filhas adolescentes aos invasores portugueses a fim de melhorar a raça e absorver melhor as qualidades guerreiras dos brancos portugueses. Caramuru que o diga! A antropofagia, corretamente abominada nos dias de hoje, era a versão indígena da eucaristia cristã, como entendida pelas tribos vencedoras das pejejas indígenas. “A vítima” era admitida na comunidade, tinha casa, comida e mulheres oferecidas pelos caciques, tudo a fim de fortalecer o prisioneiro até sua morte celebrada com toda pompa e circunstância pela tribo! Portugal garantiu sua conquista territorial e cultural com apoio decidido das tribos amigas, particularmente na produção agrícola e na exportação do pau brasil, colhida e embalada por membros das tribos amigas. Durante os decênios seguintes, Portugal foi bem-sucedido como protetor da colônia Brasil, nas lutas contra os invasores franceses, piratas ingleses ou comerciantes holandeses. O século XVIII modificou

o relacionamento da colônia com a matriz em decorrência da descoberta do ouro nas Minas Gerais. A crescente riqueza da colônia se deu graças ao trabalho de escravos importados da África. Essa massiva migração africana levou aos administradores portugueses da colônia a se sentirem espoliados de boa parte de sua riqueza então sequestrada “mamu militari” pelas autoridades de Lisboa em benefício da nobreza local e na manutenção do império português, agora com a ajuda da Inglaterra. Na retórica da Independência, o “nacionalismo” brasileiro foi crescendo rapidamente, agora que brancos, negros, pardos e índios foram vitoriosos nas lutas contra holandeses e franceses no nordeste e norte da colônia. Eu ousou afirmar que o “nacionalismo” revestido de retórica iluminista era na verdade uma demonstração de descontentamento que os acionistas “brasileiros” da grande corporação que era o império luso brasileiro manifestavam contra a injusta distribuição de dividendos, que mais favorecia os acionistas lusitanos. Como falar em “nacionalismo” brasileiro quando a população do país em 1822 não passava de 5 milhões de habitantes, a maioria dos quais era de escravos negros, mulatos, índios aculturados contra uma pequena minoria de brancos de origem lusitana?

Por isso reafirmo: Sete de Setembro de 1822 marcou a definição jurídica do Estado Brasil como espaço soberano aceito pela comunidade ocidental. Na mesma data, não dá para se afirmar de que a Nação brasileira se formou como num passo de mágica. O Estado é uma ficção jurídica importante. A Nação refere-se aos sentimentos que unem os habitantes do Estado. Nos últimos duzentos anos, a população brasileira passou de cinco milhões para 213 milhões. Sua composição étnica mudou-se com a imigração europeia, asiática, média oriental. A miscigenação racial mostrou grande dinamismo graças ao cruzamento de brancos, negros, mulatos, europeus, árabes e japoneses. Concluo esses comentários da seguinte maneira: o Brasil, seja como Estado, seja como Nação, é originário de tantas improbabilidades jurídicas, culturais e geográficas que só se explicam pela convicção de que existimos para cumprir um “destino manifesto”! Resta especular quem terá decidido atribuir ao Brasil, Estado Nação, tal “destino manifesto”.

*José Botafogo Gonçalves é Conselheiro da Confederação Nacional do Comércio.

Questionamentos

Por Ester Abreu Vieira de Oliveira*

As ondas golpeiam
a pedra bruta
Choa, choa, choa...

Quem é mais bruta?

Constância firme
resiste ou quer investir?

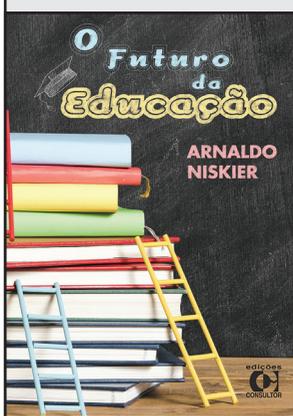
Por que a golpeia
água indolente
inveja a resistência ?

*Ester Abreu Vieira de Oliveira é presidente da Academia Espírito-santense de Letras.

J Livros e Autores

por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



O FUTURO DA EDUCAÇÃO

O Futuro da Educação (Edições Consultor) é a mais recente coletânea de artigos, lançada pelo acadêmico Arnaldo Niskier. As 111 crônicas reunidas em livro foram elaboradas ao longo da pandemia, incluindo temas que vão de memórias passadas a reflexões sobre o presente e projeções futuras.

No artigo que dá nome à obra – O futuro da Educação, Niskier reflete sobre o processo ensino-aprendizagem e alerta com orientações sobre os “novos tempos”. No índice, os assuntos são variados, passando por dramas familiares, como a morte do irmão Odilon, a perda da professora Anita Novinsky e do amigo Joseph Safra, entre outros. De *Memórias da Quarentena*, passando por *Livro é Cultura*,

Saudades da Manchete, *As Razões do Fracasso do Ensino*, *Educação 5G*, *Inovações na ABL*, *Viagens pelo Mundo*, *Os Riscos da Baleia Azul* e *Tempos de Guerra*, entre outros, não faltam variações temáticas.

Jornalista na escolha dos temas, escritor na perfeição da linguagem, educador na visão humanística, matemático na precisão das ideias, a capacidade criativa do acadêmico é tão plural quanto a sua experiência de vida. Este livro reflete o talento multifacetado do autor. Arnaldo Niskier é membro da Academia Brasileira de Letras desde 1984, tendo sido presidente da ABL em dois mandatos. Foi quatro vezes secretário de Estado do Rio de Janeiro.

TRAVESSIA: A VIDA DE MILTON NASCIMENTO

Travessia: A vida de Milton Nascimento (Ed. Record, 2022), de Maria Dolores, oferece um retrato de um dos maiores artistas brasileiros de todos os tempos. A edição, com novo projeto gráfico, traz um encarte com fotos inéditas do cantor, que este ano se despede dos palcos com a última turnê de sua carreira. Em 26 de outubro, Milton completa 80 anos de idade.

Oportunidade preciosa para conhecer a trajetória desse talento excepcional, a obra traz, ao longo de 420 páginas, ecos da infância aos dias atuais. A autora entrevistou, além do biografado, mais de sessenta personalidades da música, incluindo Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, os integrantes do Clube da Esquina, Nana e Danilo Caymmi, Ruy Guerra, Wayne Shorter e Herbie Hancock, e pessoas que conviveram com o artista, recheando as páginas da obra com histórias inéditas.

Milton Nascimento construiu sua carreira de maneira discreta, sem se encaixar em um único movimento ou estilo musical, mesmo tomando parte no movimento artístico e político de combate à ditadura militar que marcou as décadas de 1960 e 1970.

Travessia: A vida de Milton Nascimento é o primeiro livro de Maria Dolores, produtora cultural e jornalista formada pela UFMG. Há mais de dez anos realiza projetos culturais e palestras em todo o Brasil.

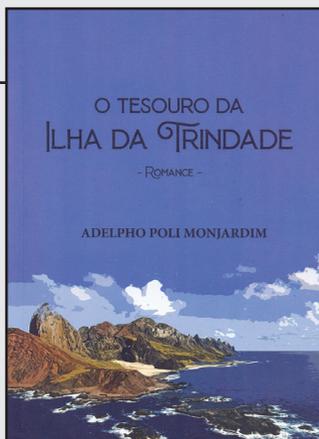


O TESOURO DA ILHA DA TRINDADE

O romance *O Tesouro da Ilha da Trindade* (2022, de Adelpho Poli Monjardim, é o 32º livro lançado pela Coleção José Costa, que busca dar visibilidade a obras de escritores capixabas. A reedição do texto foi organizada por Francisco Aurélio Ribeiro, presidente de honra da Academia Espírito-santense de Letras, que afirma: “O enredo cativa por não ser linear; ao contrário, apresenta sempre uma surpresa, uma mudança de ação que prende o leitor. As palavras em desuso, agora, ou mesmo de emprego restrito na época da composição do romance, nos incentivam para que façamos incursões aos dicionários (agora on-line), que nos permitem conhecer seu significado e nos divertir com essas descobertas.”

O prefácio, assinado pelo secretário municipal de Cultura de Vitória, Luciano Picoli Gagno, ressalta a importância da obra: “O romance fala de um dos locais mais inóspitos do mundo e que, curiosamente, pertence ao Espírito Santo, mesmo que muitos não saibam por se tratar de uma misteriosa ilha situada a muitas milhas de distância da costa.”

Nascido em Vitória, em 1903, Adelpho Poli Monjardim foi romancista, jornalista, servidor público, político, historiador e geógrafo. Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e da Academia Espírito-santense de Letras.



UM DEFEITO DE COR

Vencedor do prestigiado Prêmio Casa de las Américas, *Um Defeito de Cor* (Ed. Record), de Ana Maria

Gonçalves, com uma perspectiva feminina e moderna, apresenta-se como contraponto ao apagamento da história do povo negro.

Décimo primeiro romance publicado por uma autora negra no Brasil, a obra traz edição ilustrada com conto inédito afrofuturista e texto de orelha de Cidinha da Silva. Esse clássico contemporâneo ganhou edição de luxo, com sobrecapa, marcando o encontro de duas das mais aclamadas mulheres negras do mundo das artes: a escritora Ana Maria Gonçalves e a artista visual Rosana Paulino. O livro inspirou exposição homônima no Museu de Arte do Rio (MAR), reunindo 400 obras de mais de cem artistas.

Incluído na lista da *Folha de São Paulo* como o sétimo entre 200 livros mais importantes para entender o Brasil em seus 200 anos de independência, *Um Defeito de Cor* conta a saga de Kehinde, mulher negra que, aos oito anos, é sequestrada no Reino do Daomé, atual Benin, e trazida para ser escravizada na Ilha de Itaparica, na Bahia.

Ana Maria Gonçalves nasceu em Ibiá, interior de Minas Gerais, em 1970. Seu primeiro livro foi *Ao Lado e à Margem do que Sentes por Mim* (2002).



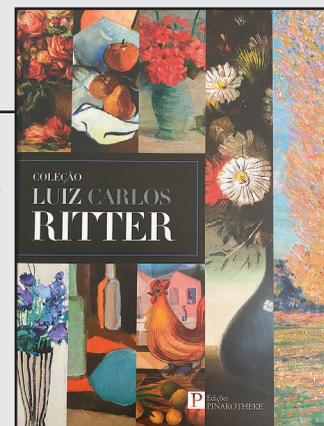
COLEÇÃO LUIZ CARLOS RITTER

Um dos maiores colecionadores de obras de arte do Brasil, Luiz Carlos Ritter tornou público um conjunto expressivo de suas peças no livro *Coleção Luiz Carlos Ritter*, numa belíssima edição organizada por Max Perlingeiro. Editado pela Pinakotheke, a obra bilíngue (português/inglês), com 304 páginas, traz textos da acadêmica Nélide Piñon, Ana Cristina Reis, Vanda Klabin, Clelio Alves, Ricardo Linhares, e uma conversa com o editor, Max Perlingeiro.

A publicação inclui imagens e fichas técnicas de pinturas, desenhos, aquarelas e gravuras de grandes artistas, como Tarsila do Amaral, Emiliano Di Cavalcanti, José Pancetti, além de nomes como Frans Post, Giorgio Morandi, Pierre-Auguste Renoir, e ainda de Lygia Clark e Hélio Oiticica.

Sua preciosíssima coleção inclui um jardim de esculturas em uma propriedade da família em Guarapari, Espírito Santo, retratadas no capítulo “Jardim de esculturas”, onde estão representadas a modernidade e a contemporaneidade na arte escultórica. O modernismo, outro núcleo importante da Coleção, é representado por obras de Guignard, Volpi, Portinari, Di Cavalcanti e Flávio de Carvalho.

Na categoria estrangeiros, obras de Giorgio Morandi, Alfred Sisley, Joaquín Torres García e Pierre-Auguste Renoir. Um capítulo do livro é dedicado a artistas gaúchos (Iberê Camargo e Pedro Weingärtner), em homenagem à origem do colecionador.

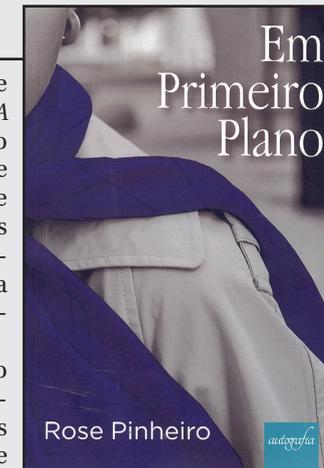


EM PRIMEIRO PLANO

Em Primeiro Plano (Autografia, 2022) é o segundo livro de Rose Pinheiro, que estreou na literatura com o sucesso *A finitude é uma incógnita*, no ano passado. Com um texto leve, fluente e bem alinhavado, Rose narra a trajetória de uma mulher de meia-idade, refletindo, com sensibilidade envolvente, sobre o convívio de três gerações de mulheres fortes e determinadas. Diante de conflitos sobre a natureza humana, entre a emoção e a razão, a protagonista (Lara, médica bem-sucedida) toma consciência das escolhas que fez na vida.

Na orelha, Maria Helena Cosenday afirma: “como não sentir empatia quando a autora nos conduz pelo universo feminino, tendo o amor como norteador das atitudes em busca da felicidade?” E recomenda: “Uma leitura que ressalta a força das mulheres na busca da felicidade e que facilmente nos faz sentir protagonistas da história.” O comentário de Ana Resende se une em elogios: “Uma leitura que te prende, leve, dinâmica e divertida.” Dividido em 12 capítulos, ao longo de 174 páginas, *Em Primeiro Plano* é o primeiro volume da trilogia que está por vir – *Os Tons de Lara*.

Pianista e professora, Rose Pinheiro mora no Rio de Janeiro e divide o tempo com a família, os livros e a música.



**Merval Pereira**

Os 125 anos da ABL

Arnaldo Niskier: Hoje, temos o prazer de receber a visita do presidente da Academia Brasileira de Letras, jornalista e escritor, Merval Pereira, que vai nos contar tudo sobre as comemorações dos primeiros 125 anos da Academia Brasileira de Letras. Como vai ser essa comemoração?

Merval Pereira: Temos uma série de eventos. Na verdade, começa no dia 12/07, com a Fernanda Montenegro, fazendo uma leitura de obras do Nelson Rodrigues, Nelson Rodrigues por ele mesmo. É o começo das nossas festividades. Na segunda-feira, dia 18, vamos ter um debate nos estúdios Globo sobre a influência da literatura na televisão e no cinema. Diante de tantas obras adaptadas para novelas, para seriados, no cinema e na televisão, vamos debater essa importância, inclusive com obras de Portugal. Os Maias, por exemplo, foi uma telenovela espetacular. Vamos ter o Geraldo Carneiro, vai debater representando a Academia, porque ele é um autor da Globo e é membro da nossa Academia. Vai ter um especialista em novelas, Mauro Alencar, e leitura de texto da Fernanda Montenegro. Aline Midlej vai ser a mediadora dos debates. Vamos ter uma série de leitura de textos...

Arnaldo Niskier: Isso vai ser onde?

Merval Pereira: Nos Estúdios Globo, antigo Projac, em Jacarepaguá. Esse dia vai ser dedicado a isso, no dia seguinte vamos ter aqui na Academia, no Petit Trianon, uma mesa de debate sobre a importância das Academias no mundo atual. Vamos ter o depoimento do presidente da Academia das Ciências de Lisboa, professor José Luís Cardoso, e a embaixadora da França no Brasil ou um representante da Academia Francesa fazendo um depoimento.

Arnaldo Niskier: Eles sempre vêm. Lembro que, em muitas ocasiões de aniversário nosso, sempre veio algum membro da Academia Francesa.

Merval Pereira: Você sabe que a nossa Academia nasceu espelhada na Academia Francesa. O modelo é esse com algumas diferenças, a mais importante é que a nossa Academia não tem nenhuma vinculação oficial, a Academia Francesa é uma Academia do governo francês...

Arnaldo Niskier: A escolha do presidente

da Academia Francesa tem que ser submetida ao presidente da República.

Merval Pereira: E o eleito também, porque desde o Cardeal Richelieu, que foi o fundador da Academia Francesa, eles são considerados os protetores da Academia. Primeiro Richelieu, depois foi vindo e agora na República, o presidente da República. De qualquer maneira, a Academia Francesa é o nosso modelo, nosso fardão é baseado no fardão da Academia Francesa e vários nossos rituais são parecidos... Eles são muito ligados a nós historicamente e sempre participarão. Dessa vez não há nenhuma confirmação da presença, mas há a confirmação de um pronunciamento em vídeo. Vamos ter também uma coisa muito interessante, que é o depoimento do Sergio Ramirez, escritor da Nicarágua que está exilado em Madrid, porque a Academia Nicaraguense de Letras está sendo perseguida pelo presidente ditador, Daniel Ortega, que quer acabar com a Academia Nicaraguense de Letras. Sergio Ramirez vai fazer um depoimento sobre essas dificuldades que estão acontecendo na Nicarágua e a importância de resistência, então vai ser um debate, imagino, muito profícuo aqui no Petit Trianon, com entrada aberta ao público. No dia seguinte, será a sessão solene dos 125 anos. Na parte da tarde, vamos fazer uma continuação do nosso projeto, que é colocar placas nas casas dos grandes acadêmicos, a começar pelos falecidos e estamos, junto com a prefeitura, fazendo essas marcas históricas dos prédios onde os acadêmicos viveram ou escreveram sua obra.

Arnaldo Niskier: Está sendo fácil descobrir esses locais?

Merval Pereira: Machado de Assis, por exemplo, é difícil, porque botaram abaixo a casa onde morava, então vamos colocar a placa de Machado de Assis, provavelmente, num terreno vazio, que é um estacionamento, mas ali era a casa dele. Vamos colocar a placa na casa do Austregésilo de Athayde, que continua lá, é o Instituto. A filha dele, Laura, e o Cícero Sandroni cuidam muito bem desse Instituto, então vamos aproveitar esse dia histórico para colocar a placa em dois acadêmicos históricos, Machado de Assis, que criou a Academia, e Austregésilo de Athayde, que foi nosso presidente durante 30 anos.

Arnaldo Niskier: Estamos comemorando 125 anos de vida.

Merval Pereira: Estamos aqui neste edifício, no Petit Trianon, desde o centenário da nossa Independência. Isso aqui era o Pavilhão do governo francês, na exposição internacional que comemorou o centenário da nossa Independência, em 1922. Em 1923, o governo francês doou este prédio para a Academia Brasileira de Letras, então estamos aqui desde 1923. Anteriormente, estivemos em vários prédios que não eram próprios, não tínhamos sede própria. Temos até uma bela exposição aqui sobre "A Casa das Casas", que foram as várias casas que a Academia ocupou. O Globo vai fazer um suplemento especial sobre a Academia, para sair junto com o jornal, no dia 20 de julho, que é o dia do aniversário.

Arnaldo Niskier: Como você vê a cultura hoje em dia. Ela está sendo maltratada, não está?

Merval Pereira: Muito maltratada. Agora mesmo, tivemos a morte do Sérgio Paulo Rouanet, nosso companheiro aqui da Academia Brasileira de Letras, grande brasileiro. Tenho que fazer justiça ao ex-presidente Sarney, que também é nosso confrade aqui na Academia, é nosso decano, que começou esse movimento e o Rouanet, em seguida, implementou. Nessa hora é que você percebe como o Brasil sente falta, está com um déficit de liderança na cultura, no governo, porque a cultura tem grandes artistas, grandes autores, grandes instituições que não encontram respaldo no governo. Ao contrário, o governo tenta, há três anos e meio, acabar com as instituições culturais, acabar com o sentido das premiações, o sentido do financiamento...

Arnaldo Niskier: E é uma coisa curiosa, para não dizer lamentável, quando surge algum incentivo, como Lei Aldir Blanc, como aconteceu recentemente, eles vetam.

Merval Pereira: Dessa vez, o Congresso derrubou o veto do presidente. Recentemente, a Biblioteca Nacional, que é uma instituição do Estado brasileiro, importantíssima, distribuiu medalhas. Uma medalha que tem uma importância histórica grande do mérito do livro foi distribuída para vários políticos, inclusive para aquele deputado Daniel Silveira. É no sentido de você tirar a importância da premiação. Perguntaram a ele porque recebeu... "Não sei." Ele mesmo sabia que não merecia. O governo está tentando desmontar a cultura brasileira, naquela visão retrógrada de que são todos comunistas que tomaram conta da cultura.

Arnaldo Niskier: O presidente já veio alguma vez à Academia?

Merval Pereira: Não, nunca.

Arnaldo Niskier: Não faz parte dos seus planos?

Merval Pereira: Não. Acho que a cultura brasileira vai ter que renascer, no momento está por conta própria, por conta do público. Está havendo uma retomada, está havendo um reencontro do público com os espetáculos, o que é muito bom, e espero que, a partir disso,

tenhamos um próximo ano mais fecundo. Ele acabou com o Ministério da Cultura, por exemplo.

Arnaldo Niskier: Que foi ocupado, antes, por um colega nosso, Gilberto Gil, com muita inteligência, com muita propriedade e hoje não existe, simplesmente.

Merval Pereira: É realmente uma prova de que a cultura para esse governo, para o presidente Bolsonaro, é uma coisa desimportante.

Arnaldo Niskier: Você incluiria a televisão nesse segmento cultural? E aí particularizo: esse sucesso estrondoso do Pantanal não é um fenômeno cultural?

Merval Pereira: Claro, evidente que é. Já foi na época da Manchete, foi um sucesso absoluto e hoje ganha nova dimensão, porque foi atualizada, discute temas que são proibidos (entre aspas) pelo governo, como homossexualidade, liberdade de pensamento, liberdade de religião, de expressão. Ela é bem atual na discussão dessas questões, na relação de pai e filho, as famílias, fora isso é uma grande história, grande produção...

Arnaldo Niskier: Muito bem bolada pelo Benedito Ruy Barbosa.

Merval Pereira: Muito. E o neto agora está revivendo muito bem seu trabalho, uma beleza, as imagens são lindas. A retomada dessa vontade de ver novelas boas, bem-feitas, discutir a questão é um bom sinal.

Arnaldo Niskier: Num dado momento, parecia que as telenovelas, como aconteceu com o radioteatro, estariam condenadas a desaparecer e estamos vendo um fenômeno inverso. Estamos crescendo assustadoramente em matéria de circulação.

Merval Pereira: É uma forma cultural que ganhou grande sentido no Brasil. O Brasil é conhecido no mundo por grandes novelas. A exportação de novelas é um fato econômico.

Arnaldo Niskier: Outro dia, conversando com a Fernanda Montenegro, ela me falou espontaneamente dos tempos em que fez radioteatro, além dos tempos em que trabalhou na Rádio Ministério da Educação, mas falou com tanta emoção e com tanta saudade que fiquei emocionado. Gostaria que você fosse mais além no sentido das comemorações, que serão muito grandes.

Merval Pereira: Nesses três dias, vamos fixar terminando no dia 20, que é o dia do aniversário, mas para o resto do ano temos programações. A FSB, que é a maior empresa de comunicação do país, montou um evento que vai durar até o final do ano, que é baseado no estímulo à leitura. Vamos ter, nas ruas das principais capitais, livros gigantes com fone para as pessoas ouvirem leitura dos livros, os livros serão de grandes autores falecidos, como Dinah Silveira de Queiroz, todos da Academia. Vamos espalhar pelas cidades esses livros, vamos espalhar pelas ruas frases e estímulos à leitura.

Arnaldo Niskier: Recursos para isso existem?

Merval Pereira: Estamos captando patrocínios, já temos boa parte e estamos finalizando pela Lei Rouanet.

Arnaldo Niskier: Pelo que me chegou, vias interpostas criaturas, soube que a Light está ajudando nesse patrocínio.

Merval Pereira: Não, nesse patrocínio não, mas a Light é uma grande parceira, deixamos de dar o Prêmio Machado de Assis durante a pandemia. Passamos dois anos sem dar o prêmio e a Light, com a retomada ano passado, nos financiou, patrocinou e assinou contrato conosco pelos próximos dez anos.

Arnaldo Niskier: Quanto é o Prêmio Machado de Assis?

Merval Pereira: Cem mil.

Arnaldo Niskier: Não é desprezível.

Merval Pereira: E é um grande auxílio, porque o Prêmio Machado de Assis é o mais importante brasileiro, porque é pelo conjunto da obra, não é específico de um livro, é uma carreira. Estamos até pensando em lançar, no ano que vem, concursos para premiar o melhor livro do ano, mas o Machado de Assis é um prêmio especial e a Light nos ajudou muito.

Arnaldo Niskier: E tem o nome dessa figura extraordinária da cultura carioca. Andei lendo sobre Machado, que você faz também, ele não conheceu nenhum país fora do nosso. Em matéria de estados, ele foi a Teresópolis, no antigo estado do Rio, e foi a Barbacena uma vez, quer dizer, conheceu Minas Gerais. No mais, ele foi um “animal doméstico”.

Merval Pereira: O bruxo do Cosme Velho.

Arnaldo Niskier: Era ali que ele ficava, foi ali que produziu, escreveu algumas das coisas mais extraordinárias da nossa literatura.

Merval Pereira: Vamos ter também, neste ano, no nosso Ciclo de palestras, nas terças-feiras, um ciclo especial sobre o bicentenário da Independência. Nossos historiadores, Arno Wehling, Alberto Costa e Silva, José Murilo de Carvalho, Evaldo Cabral, estão organizando um ciclo e, provavelmente, será feito em comum acordo com a Academia das Ciências de Lisboa. Vamos fazer uma comemoração e estamos com um projeto, que ainda não está finalizado, de publicar um livro com a seleção dos 200 textos mais importantes desse período.

Texto por quê? Lei Áurea, certamente é. A Carta de Pero Vaz de Caminha é importante e, mais recentemente, a Anistia. Temos uma série de textos que não são livros, que são fundamentais. Vamos fazer esse livro.

Arnaldo Niskier: Já tem data?

Merval Pereira: Não, pretendemos lançar até final do ano, que é o ano do bicentenário. Sobre os 125, vamos publicar um livro também sobre a Academia Brasileira de Letras.

Arnaldo Niskier: Quem vai escrever esse livro?

Merval Pereira: Estamos juntando material, não tem uma pessoa só, um grupo aqui da Academia que vai montar o livro. A acadêmica Rosiska Darcy de Oliveira, que é editora da nossa *Revista Brasileira*, que relançamos agora em novo formato, vai ser a diretora de publicações da Academia, ela que vai cuidar desse livro.

Arnaldo Niskier: Haverá recurso para isso tudo?

Merval Pereira: Espero que sim, espero que a situação econômica melhore. As empresas estão muito gentis, querendo participar da comemoração dos 125 anos, então acho que está indo tudo bem.

Arnaldo Niskier: Isso é fundamental. Temos tanta coisa para fazer ainda que desconhecer o aniversário de 125 anos da Academia seria um absurdo completo. A ABMES (Associação Brasileira das Mantenedoras do Ensino Superior) vai lhe propor a ideia de fazer um grande seminário sobre a língua portuguesa, com a participação inclusive dos estudantes de nível superior, eles vão colocar recursos na ideia. Essa conversa vem aí.

Merval Pereira: Ótima discussão. No ano que vem, estamos com vários planos, mas retomamos, neste ano, a Visita Guiada, aqui na Academia Brasileira de Letras, que era um sucesso, foi paralisada na pandemia e retomamos agora. Tenho um projeto que está na ideia, mas vamos concretizar, que é fazer uma visita guiada no metaverso, com pessoas usando aqueles óculos, tendo como interface os atores, vamos modernizar. E vamos ter ainda, neste ano, uma peça de teatro que o Geraldo Carneiro está escrevendo sobre o Machado de Assis. É muita coisa que vem por aí.



Evanildo Bechara: “Uma vida entre palavras.”

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

Estamos no mês dos professores. Homenagear, em qualquer situação, os nossos mestres é uma questão de justiça. Temos, hoje, no Brasil, mais de 2,5 milhões de professores. Devemos ser gratos a esses heróis que transformam vidas e são dominados por belíssimos sonhos. Homens e mulheres, assim envolvidos, merecem o nosso mais profundo respeito.

Nesse sentido, reverenciar a trajetória do mais prestigiado filólogo da língua portuguesa é nossa obrigação contínua, não só para propagar o acervo riquíssimo sobre os estudos da linguagem humana, com especial relevo na língua de Camões e Machado de Assis, mas, sobretudo, como cidadãos brasileiros, para agradecer o imenso legado de sua profícua produção intelectual.

“Um país se faz com homens e livros”, dizia, muito apropriadamente, Monteiro Lobato. Com efeito, não são muitos países que têm o privilégio de abrigar gênios como o professor Evanildo Bechara, eternizado nas páginas de suas obras, que multiplicam, com o esforço da sua inteligência e do seu trabalho, o imenso legado do estudo da língua de nossos antepassados.

UMA VIDA ENTRE PALAVRAS

O professor, muito além de letras e números, transmite valores. Evanildo Bechara dedicou quase 75 anos de sua vida ajudando a desenvolver a inteligência reflexiva de seus alunos. Sua atividade investigatória sobre as singularidades do idioma inaugurou, em letra de forma, no ano de 1954, quando reuniu seus estudos iniciais no volume *Primeiros Ensaios da Língua Portuguesa*. Daí em diante, o que tivemos o privilégio de acompanhar é uma série inesgotável de obras que se tornaram textos canônicos sobre a língua portuguesa, tais como *Lições de Português pela Análise Sintática* (1960), já reeditada reiteradamente, assim como sua *Moderna Gramática Portuguesa* (1961), com feição nova a partir da 37ª edição, em 1999, a *Gramática Escolar* (2001) e o *Novo Dicionário de Dúvidas* (2016), entre outros tantos.

Neste ano, o destaque vem com o novo projeto editorial da Editora Nova Fronteira, que nos agraciou com uma seleção de textos em três volumes – reunidos na série *Uma Vida entre Palavras* – organizada pelo próprio autor, que conferiu organicidade ao mar temático por onde vem navegando por toda a vida.

Fatos e Dúvidas de Linguagem é o primeiro da série de três volumes, em que o professor Bechara apresenta investigações preciosas sobre temas sincrônicos e diacrônicos recorrentes da língua, oriundos, principalmente, de sua longa vivência em sala de aula.

A escola visa ao preparo do aluno para figurar não como mero espectador, senão como ator no cenário das relações sociopolíticas e culturais que o dia a dia da vida social proporciona. Nesse mister, o uso da língua, em texto oral e escrito, revela-se instrumento precioso para que sejamos ouvidos e considerados como cidadãos partícipes no seio da sociedade.

A verdadeira pedagogia moderna, baseada nas ciências cognitivas do século XXI, mostra que não basta saber ler. Os jovens devem ter fluência na leitura e na interpretação crítica. Português é uma disciplina estruturante, que permite progredir nas outras, possibilitando aos alunos libertar a mente para outras atividades de ordem cognitiva. É impossível aplicar criativamente conceitos se não se conhecem esses conceitos. Não se pode saltar etapas.

A obra apresenta questões que interessam não apenas ao professor, sempre comprometido com a melhor estratégia pedagógica para fazer da aula de língua portuguesa um instrumento de formação cidadã, mas a todos os envolvidos na esfera educacional. Temas de grande interesse estão presentes nessa primeira seleção, tais como a etimologia, as normas linguísticas e suas aplicações, ortografia e prosódias normativa e variacionista, além de estudos esclarecedores sobre o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Na apresentação, o historiador de mérito da linguística e da filologia, professor Ricardo Cavalieri, elogiou o conjunto de estudos preciosos, até então



O acadêmico Evanildo Bechara no lançamento da série *Uma Vida entre Palavras* na Academia Brasileira de Letras.

“O léxico é a janela da língua que se abre para o mundo”

(Evanildo Bechara)

ocultos das páginas da história, com um autor polígrafo, que consegue tratar temas vários com elegância e erudição: “Este novo projeto editorial revela um leitor (Evanildo Bechara) atento e atualizado, que não hesita em ajustar antigos conceitos às conquistas que a ciência, inevitavelmente, obtém com o devir do tempo. Esta expressão de clarividência está, sem dúvida, entre os atributos que nos fazem reconhecer em Evanildo Bechara a excelência dos intelectualmente abastados.”

HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Fiel à pluralidade temática, *Análise e História da Língua Portuguesa* é o segundo volume da série *Uma Vida entre Palavras*. O livro tem como foco as diferenças – tanto as mais tênues quanto as mais perceptíveis – do idioma.

Em linguagem clara, que aproxima o leitor do fato linguístico, seu caráter diversificado e abrangente cativa todos os tipos de leitor, desvendando as idiosincrasias da língua. Neste sentido, trabalhos como *Sejam bem-vindos os consultórios gramaticais*, *O estrangeirismo e a pureza do idioma*, *Repasse crítico da gramática portuguesa* e *Sobre a sintaxe dos demonstrativos* são essenciais.

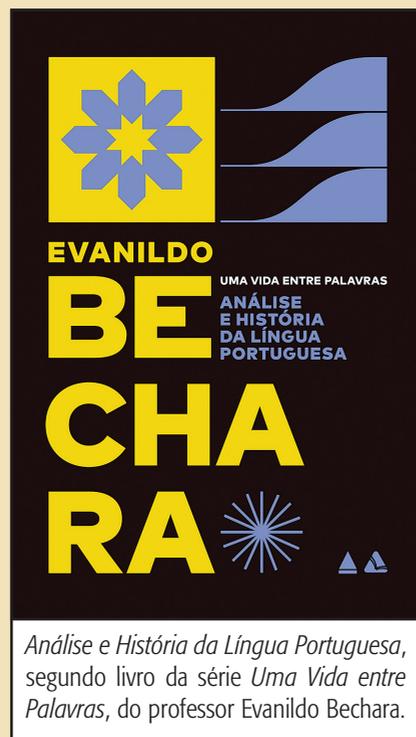
Entre os textos relevantes, destacamos, também, *O Natal em línguas do mundo*, *Por que segunda-feira em português?*, *Última Flor do Lácio*, *Inovações sintáticas no português moderno e Português ou brasileiro?*, que nos conferem estímulo para aprofundar a compreensão do nosso idioma.

MESTRES DA LÍNGUA

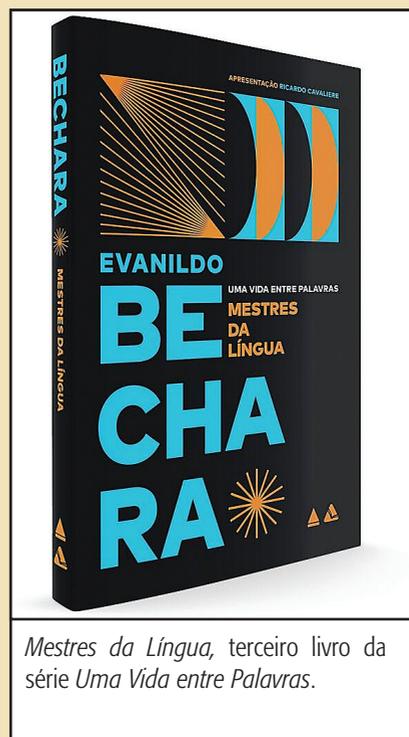
O terceiro volume da coletânea – *Mestres da Língua* – dedica-se, majoritariamente, ao relato das contribuições que grandes nomes da filologia e da linguística transmitiram às gerações que lhes sucederam e permanecem como um legado para a história do saber sobre a linguagem humana. Não faltam nomes ilustres, como Herculano de Carvalho (1924-2001) – A contribuição de Herculano de Carvalho aos estudos linguísticos –, Eugênio Coseriu (1921-2002) – “Eugênio Coseriu” –, que, em companhia de Manuel Said Ali (1861-1953) formam a base tridimensional do pensamento linguístico em Evanildo Bechara, nomeadamente a que se percebe na 37ª edição e seguintes da *Moderna Gramática portuguesa*.



Fatos e Dúvidas de Linguagem, primeiro livro da série *Uma Vida entre Palavras*.



Análise e História da Língua Portuguesa, segundo livro da série *Uma Vida entre Palavras*, do professor Evanildo Bechara.



Mestres da Língua, terceiro livro da série *Uma Vida entre Palavras*.

“Precisamos ser políglotas em nossa própria língua.”

(Evanildo Bechara)

Também são incluídos no terceiro volume referências paradigmáticas como formadores de opiniões, tais como Harri Meier e seus estudos de língua portuguesa, Lendo os cadernos de Mário Barreto, Othon Moacyr Garcia – seu labor científico, Celso Cunha, um filólogo dos que se separam e Antonio Houaiss: influências e afinidades no seu labor linguístico-filológico.

Como nos lembra o professor Cavaliere, na apresentação, Bechara é um linguista que percorreu – e ainda percorre – várias fases da mudança por que passa a linguística como ciência a partir da chegada do modelo estruturalista ao Brasil, fato que lhe conferiu uma capacidade única para enxergar a face interna da língua sob vários ângulos.

Por outro lado, como explica Cavaliere, a formação filológica que já se percebe nos primeiros passos da trajetória de Bechara – e ainda o acompanha – impõe ao seu trabalho um compromisso com o texto. Sua concepção de descrição linguística esteia-se no princípio da unicidade do objeto: “O perfil filológico de Evanildo Bechara não poderia olvidar a ligação íntima entre o estudo da língua e o da literatura, de que resultam textos preciosíssimos em que sua aguda percepção dos fatos da língua vernácula contribui para melhor compreendermos e interpretarmos peças da literatura clássica e contemporânea”, afirma Cavaliere.

É nessa linha que se deve ler os trabalhos que ocupam as páginas do terceiro volume, entre eles os estudos *A erudição de Camões*, José de Alencar e a língua do Brasil, Manuel Bandeira e a língua portuguesa e *Particularidades da linguagem em Machado de Assis*.

GENIALIDADE VIVA

Em 2006, ao situar o professor Evanildo Bechara entre os “cem brasileiros geniais vivos”, o jornal *O Globo* não cometeu nenhum exagero.

Nascido em Recife (PE), no dia 26 de fevereiro de 1928, Evanildo Cavalcante Bechara transferiu-se para o Rio de Janeiro, aos 11 anos. Desde cedo, mostrou vocação para o magistério, que o levou a cursar Letras (modalidade Neolatinas), na Faculdade de Filosofia do Instituto La-Fayette, hoje UERJ.

Aos dezessete anos, escreveu seu primeiro ensaio, *Fenômenos de Intonação*, publicado em 1948, com prefácio do filólogo mineiro Lindolfo Gomes. Em 1954, foi aprovado em concurso público para a cátedra de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II e reuniu, no livro *Primeiros Ensaios de Língua Portuguesa*, artigos escritos entre os dezoito e vinte e cinco anos, saídos em jornais e revistas especializadas.

Concluído o curso universitário, vieram-lhe as oportunidades de concursos públicos, que fez com brilho, num total de onze inscritos e dez realizados. Aperfeiçoou-se em Filologia Românica, em Madri, com Dámaso Alonso, nos anos de 1961 e 1962, com bolsa oferecida pelo Governo espanhol. Doutorou-se em Letras pela UEG (atual UERJ), em 1964.

Convidado pelo Prof. Antenor Nascentes para seu assistente, chegou à cátedra de Filologia Românica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UEG (atual UERJ), em 1964. Foi professor de Filologia Românica do Instituto de Letras da UERJ, de 1962 a 1992, e professor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFF, de 1976 a 1994.

Foi também professor titular de Língua Portuguesa, Linguística e Filologia Românica da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988, além de professor de Língua Portuguesa e Filologia Românica em IES nacionais e estrangeiras.

Em 1971-72, exerceu o cargo de professor titular visitante da Universidade de Colônia (Alemanha) e, de 1987 a 1989, igual cargo na Universidade de Coimbra (Portugal). É professor emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1994) e da Universidade Federal Fluminense (1998).

Autor de duas dezenas de livros, entre os quais a *Moderna Gramática Portuguesa*, amplamente utilizada em escolas e meios acadêmicos, e diretor da equipe de estudantes de Letras da PUC-RJ que, em 1972, levantou o corpus lexical do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, sob a direção geral de Antônio Houaiss.

Seu currículo se estende, ainda, como orientador de dissertações de Mestrado e de teses de Doutorado, membro de bancas examinadoras de concursos públicos para o magistério superior em várias instituições. Foi diretor do Instituto de Filosofia e Letras da UERJ, de 1974 a 1980 e de 1984 a 1988; secretário-geral do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro, de 1965 a 1975; diretor do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, de 1976 a 1977; membro do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro, de 1978 a 1984; chefe do Departamento de Filologia e Linguística do Instituto de Filosofia e Letras da UERJ, de 1981 a 1984; chefe do Departamento de Letras da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988.

Membro titular da Academia Brasileira de Filologia, da Sociedade Brasileira de Romanistas, do Círculo Linguístico do Rio de Janeiro. Membro da Société de Linguistique Romane (de que foi membro do Comité Scientifique, para o quadriênio 1996-1999) e do PEN Club do Brasil. Sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Internacional da Cultura Portuguesa, Doutor Honoris Causa da Universidade de Coimbra (2000), foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 11 de dezembro de 2000. Criou a Coleção Antônio de Moraes Silva, para publicação de estudos de língua portuguesa, e é membro da Comissão de Lexicologia e Lexicografia e da Comissão de Seleção da Biblioteca Rodolfo Garcia.

Entre centenas de artigos, comunicações a congressos nacionais e internacionais, Bechara escreveu livros que já se tornaram clássicos, pelas suas sucessivas edições. Atualmente, ele se empenha na elaboração do *Dicionário Machado de Assis*.

Foi eleito, por um colegiado de educadores do Rio de Janeiro, com apoio da *Folha Dirigida*, uma das dez personalidades educacionais de 2004 e 2005. A convite da Nova Fronteira, integra o Conselho Editorial dos diversos volumes do Dicionário Caldas Aulete.

Em 2008, pela passagem de seus 80 anos, recebeu, como homenagem, uma miscelânea intitulada *Entrelaços entre Textos*, cuja organização, coube ao Professor Doutor Ricardo Cavaliere. Ainda em 2008, foi lançada, também pela Nova Fronteira, *80 anos Homenagem: Evanildo Bechara*, obra que aborda a trajetória do professor, gramático e escritor por meio de observação de colegas, alunos, amigos e admiradores.

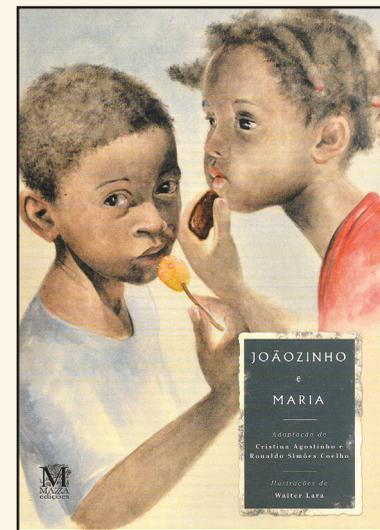
Fonte que criou suas próprias águas, absorvendo legados recebidos, longe de ser apenas uma memória viva, o imortal Evanildo Bechara, aos 94 anos, segue em impressionante atividade, constituindo-se num exemplo de plenitude do exercício da profissão.

Todas as homenagens, portanto, fazem jus à trajetória de um dos maiores gênios da língua portuguesa.

Descobertas

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

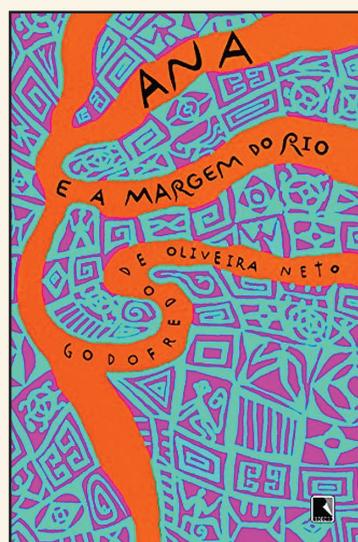
Joãozinho e Maria – Adaptação de Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho (1932-2020); (Mazza, ilustrações de Walter Lara) – Parada à frente da vitrine da Livraria da Travessa (Leblon), fiquei encantada com as ilustrações de uma coleção de livros. Com mais atenção, identifiquei o traço do meu querido amigo Walter Lara. Que beleza! A coleção De Lá pra Cá é composta por clássicos da literatura universal, representados por crianças afro-brasileiras: *Joãozinho e Maria*, *Rapunzel e o Quibungo*, *Cinderela e Chico Rei*, *O Pequeno Polegar* são alguns dos títulos da coleção e, como eu, que logo adquiri o meu exemplar, você vai se apaixonar!



Godofredo de Oliveira Neto parabenizado por Anna Rennhack em sua posse na ABL.

No dia 2 de setembro, o escritor Godofredo de Oliveira Neto tomou posse na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro. Na saudação ao novo colega, a acadêmica Ana Maria Machado lembrou as principais atividades acadêmicas e as obras do autor, destacando os romances focados no leitor adulto.

Destaco do querido Godô, companheiro em vários eventos literários, o texto juvenil, *Ana e a margem do rio*, que apresenta uma atualidade marcante com o que acontece na Amazônia.



Ana e a Margem do Rio – Godofredo de Oliveira Neto (Record, ilustrações de Roger Mello) – Ana ouvia as histórias do povo Nauá contadas pela mãe, mas, na escola dos catequistas na floresta amazônica, a jovem índia – dividida entre o mundo da oralidade, herdado de sua tribo, e a religiosidade –, vê as lembranças e as aventuras fabulosas se transformarem pela influência imposta pelo sistema educacional religioso e invasor. Espero, ansiosa, por uma nova edição!

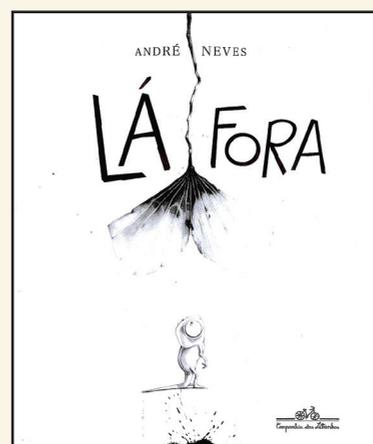
Para Ser Bernardo – Flávia Côrtes (Editora LÊ) – A autora – ao mesmo tempo em que nos apresenta as dificuldades de um jovem estudante com os desafios e cobranças sobre o futuro –, nos mostra um jovem que dialoga consigo mesmo, tentando encontrar formas de superar a timidez. Na vida real, ele age como se sempre estivesse atuando, escondendo suas limitações. Bernardo acaba encontrando nas aulas de teatro o importante auxílio para superar os seus problemas e, em Shakespeare, um grande aliado.



Pequenino na Cidade – Texto e ilustrações de Sidney Smith (Pequena Zahar, tradução de Julia Bussius) – Todos que se emocionaram com o livro *Eu Falo como um Rio* (Pequena Zahar, texto de Jordan Scott), certamente irão se identificar com as imagens do mesmo ilustrador neste livro delicado, sensível, que nos faz caminhar e acompanhar a busca do menino por paisagens geladas. O que ele busca? E quem o orienta com doces palavras de incentivo? Que delícia de livro!



Se eu Tivesse Asas – Texto e ilustrações de Guilherme Karsten (Brinque-Book) – Guilherme tem um jeito especial para contar histórias para crianças pequenas. Seus textos, aliados às criativas ilustrações, despertam a curiosidade, a descoberta. Ao unir o sonho de voar – que todos temos –, ao aconchego da cama dos pais, o autor relata a segurança e o acolhimento do “ninho”. Com este livro, Guilherme me ajudou a superar um antigo medo: crianças que tentam voar com falsas capas, imitando super-heróis.



Lá Fora – Texto e ilustrações de André Neves (Companhia das Letrinhas) – Meu pai resumia em uma frase a ideia de governos totalitários: “se fosse bom, não tinha muro.” Foi exatamente o que senti com o livro de André Neves. Como saber, se não vemos? Como descobrir, se não temos acesso? E se descobrirmos, se abandonarmos o proibido, se encontrarmos as diferenças, como reagiremos? A metáfora criada pelo autor sugere a descoberta, um novo olhar, uma nova forma de viver! “Há tanta vida lá fora!” Tantas cores!

JL BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL



ANTÔNIO XERXENESKY

(Porto Alegre, 1984) Escritor e tradutor brasileiro radicado em São Paulo. É doutor em Teoria literária pela Universidade de São Paulo e mestre em Literatura comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi selecionado em 2012 como um dos

20 melhores jovens escritores pela revista britânica *Granta*. Sua obra mais conhecida é o romance *F* (Rocco, 2014), finalista do Prêmio São Paulo de Literatura e primeira seleção do Prix Médicis Étranger de melhor livro estrangeiro traduzido ao francês. Abandonou o curso de Física para se formar em Letras na UFRGS, iniciando em seguida o mestrado em Literatura Comparada. Seu primeiro livro, a coletânea de contos *Entre*, foi publicada em 2006. A partir de 2007, começou a participar das coletâneas *Ficção de Polpa*. *O Desvio*, foi adaptada para a TV, sendo apresentada no programa *Histórias Curtas* da RBS, em 2007. *Areia nos Dentes*, misturou temas como western e zumbis. Em 2011, lançou *A Página Assombrada por Fantasmas*. Seis anos depois, o livro foi traduzido e publicado em italiano pela editora Wordbridge. Em 2014, publicou *F*, seu segundo romance, seis anos após o primeiro (*Areia nos Dentes*). O livro foi um dos 11 indicados ao Prix Médicis de melhor livro estrangeiro publicado na França em 2016. Em 2017, publicou o romance *As Perguntas*. *Uma Tristeza Infinita* foi lançado em 2021 pela Companhia das Letras. Os direitos franceses foram adquiridos pela Asphalte.

acervo JL



VANESSA BARBARA

(São Paulo, 14 de junho de 1982) Jornalista, tradutora e escritora brasileira. Colaborou com a revista *Piauí*, o jornal *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, para o qual voltou a escrever em 2014, e do qual foi desligada em fevereiro de 2017. Atualmente, escreve uma

coluna de opinião para o *International New York Times*. Ganhou o Prêmio Jabuti na categoria reportagem com *O Livro Amarelo do Terminal*, lançado pela Cosac Naify. Em 2012, foi uma das autoras selecionadas para a coletânea *Os Melhores Jovens Escritores Brasileiros* como uma dos 20 jovens romancistas brasileiros promissores da revista *Granta*. No mesmo ano, escreveu o roteiro da história em quadrinhos *A Máquina de Goldberg*, ilustrada por Fido Nesti e publicada pela Companhia das Letras. Publicou *Noites de Alface*, pela editora Alfabeta, e, em 2014, a coletânea de crônicas *O Louco de Palestra*, pela Companhia das Letras. Em 2015, publicou pela Editora Intrínseca o romance *Operação Impensável*, vencedor do Prêmio Paraná de Literatura em 2014. Obras: *O Verão do Chibo* (romance, com Emilio Fraia); *O Livro Amarelo do Terminal* (reportagem); *Endrigo*, *o Escavador de Umbigos* (infantil, com Andrés Sandoval); *A Máquina de Goldberg* (história em quadrinhos, com Fido Nesti); *Noites de alface* (romance); *O Louco de Palestra e Outras Crônicas Urbanas* (crônicas); *Operação Impensável* (romance).

acervo JL



TATIANA SALEM LEVY

(Lisboa, 24 de janeiro de 1979) Escritora brasileira. Fez mestrado em Estudos Literários, em 2002, pela PUC-Rio. Escreveu contos incluídos nas coletâneas *Paralelos* (2004), *25 Mulheres*

que Estão Fazendo a Nova Literatura Brasileira (2005), *Recontando Machado* (2008), *Dicionário Amoroso da Língua Portuguesa* (2009), *Primos*, *Se Não Houvesse amanhã*, entre outros. *A Chave de Casa* (2007) é seu primeiro romance, com elementos autobiográficos. O romance foi publicado no Brasil pela Editora Record e, em Portugal, pela Livros Cotovia. A obra recebeu o Prêmio São Paulo de 2008 na categoria Melhor Livro de Autor Estreante. Também foi finalista do Prêmio Jabuti e do Zaffari & Bourbon. Foi publicado também na França, Itália, Espanha, Romênia, Turquia, Austrália. Sairá em Breve no Reino Unido e na Croácia. Em 2010, organizou a coletânea de contos *Primos*, também publicada pela Editora Record. O livro reúne histórias escritas por autores brasileiros descendentes de árabes e de judeus. Seu segundo romance, *Dois Rios*, foi publicado pela Record em 2011. Em 2012, foi selecionada como um dos 20 melhores jovens escritores da revista britânica *Granta*. Participou de antologias de contos em diversos países, como Suécia, Finlândia, México, França, Israel, Estados Unidos, Alemanha, entre outros. Publicou dois livros infantis, *Curupira Pirapora* (Tinta da China, Prêmio da FNLIJ) e *Tanto Mar* (prêmio da ABL). Um dos seus mais recentes romances, *Paraíso*, foi publicado no Brasil no final de 2014, pela editora Foz.

Crônica da cidade: os caprichos do assunto

Por Mariana Niederauer*

As crônicas se escrevem em ciclos. Geralmente, há certos gatilhos que nos ajudam a encontrar inspiração para este ou aquele texto. Numa reportagem, é a apuração, a fala de um personagem. Na crônica, pode ser um fato cotidiano, uma paisagem vista pela janela, uma memória, um acontecimento marcante, entre tantas outras possibilidades.

Às vezes, nas minhas, exploro certa metalinguagem, falando das características do gênero ou, justamente como agora, contando um pouco sobre o processo criativo. Nada disso é inovador, obviamente, e muitos cronistas exploram ou exploraram essa maneira de se fazer, mas penso que ainda assim pode ser interessante compartilhar com o leitor um pouco desse “bastidor”. Talvez não seja tão interessante quanto entrar no camarim do seu ídolo, mas pode revelar algumas curiosidades que levantem um sorriso no canto do lábio.

Recebi de presente do amigo cronista Danilo Gomes a coleção *Melhores Crônicas* de Luís Martins, que ao longo de 32 anos escreveu mais de sete mil textos do gênero n’*O Estado de São Paulo*. E foi revigorante notar alguns desafios comuns no ofício, apesar de, no meu caso, a escrita ser semanal apenas.

Respondendo a um jornalista que criticava colegas de profissão dele, por exemplo, Martins escreveu: “Em primeiro lugar, a crônica é, em geral, pela própria natureza, uma conversa amena, que não necessita ser profunda, senão agradável. Uma crônica não é um artigo, e muito menos um tratado; pode ser uma simples variação graciosa sobre um tema insignificante, espécie de displicente comentário, às vezes até com certos laivos poéticos, tecido à margem do cotidiano.”

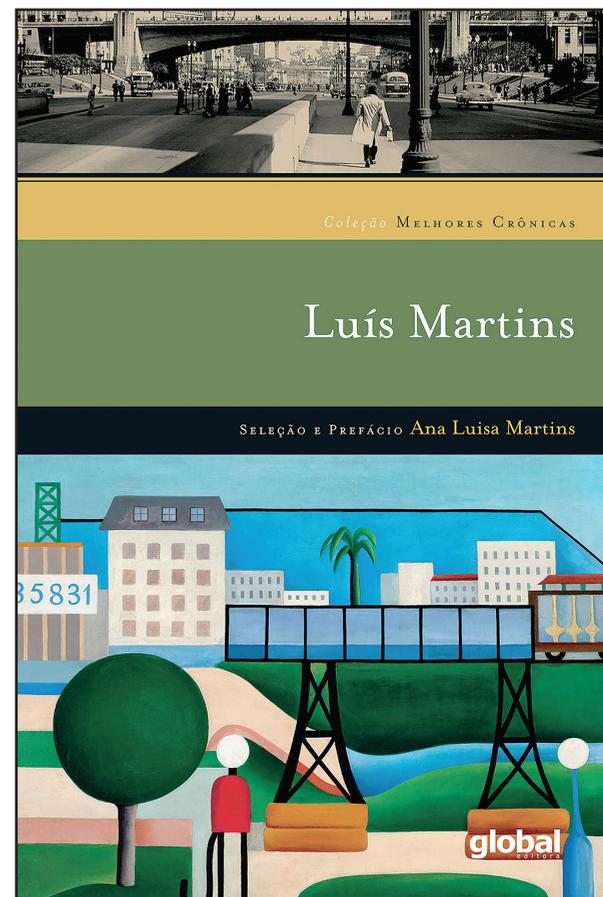
Um dos capítulos do livro é inteiramente dedicado às crônicas que falam de... crônicas. E noutra ele segue discorrendo sobre um tema que atormenta a todo cronista em algum momento da carreira: a falta de assunto. Dessa vez, respondendo a um leitor, dispara, num texto publicado em 1960: “Não costumo discutir com os leitores, razão pela qual abaixo as orelhas, recolhendo-me à minha reconhecida insignificância. O senhor tem toda a razão. Apenas, se me permite, ousar objetar – não em meu nome, mas falando aliás sem procuração, em nome dos assuntos – que estes são exigentes e capricho-

sos e, na maioria das vezes, por mais que faça o cronista, recusam-se a colaborar na crônica, para a qual, ou por modéstia ou por vaidade, não se julguem adequados.”

E continua, num parágrafo tão grande quanto a sua vontade de esclarecer a importância da questão e explicar a inocência do cronista no processo: “Em outras palavras: o assunto nega-se terminantemente a ser explorado pelo cronista, alegando que pertence ao noticiário, mas não à crônica. E que, ou o sujeito é capaz de fazer de uma borboleta amarela ou de uma amendoeira sem folhas grande crônica (sendo a falta de assunto o verdadeiro assunto do cronista) – ou então que desista do ofício e vá plantar bananas em Brasília ou batatas na ilha do Bananal.”

Como já vou ficando sem espaço e são outros tantos trechos interessantes e de leveza poética a navegar pelas crônicas do autor carioca, deixo essa provocação bem-humorada que, quem sabe, poderá também alegrar a sua segunda-feira: “É duro para o aprendiz de cronista, ou cronista menor, mas é assim realmente, com essa desabusada franqueza, que lhe fala o esquivo, o fugidio, o incaptável assunto. Disto mesmo – isto é, desta falta de assunto – poderia um grande cronista fazer uma grande ou pequena crônica. Mas eu, como não sou grande – e estou hoje completamente desassustado –, meto ponto-final nesta conversa desistindo de escrever a crônica”.

*Mariana Niederauer é jornalista, cronista e editora do Correio Braziliense.

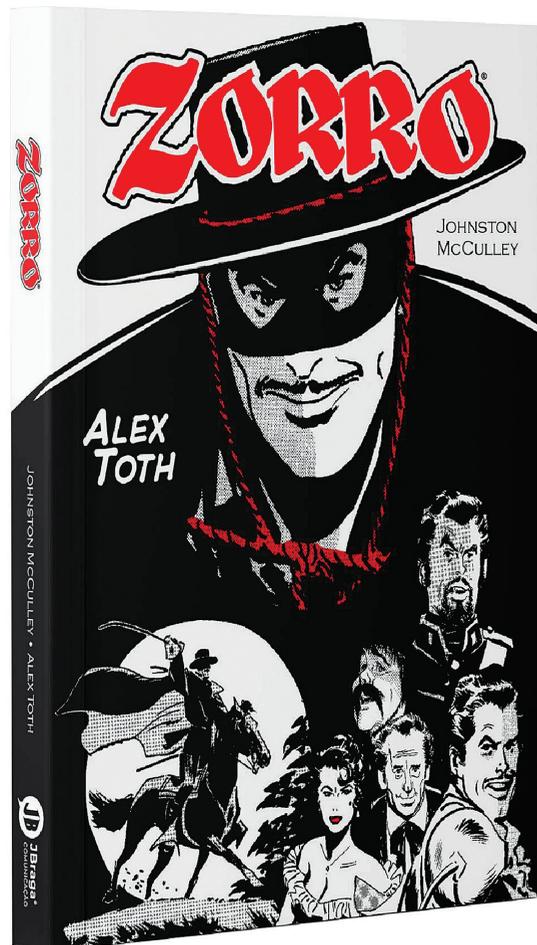




Por Zé Roberto

zrgauna@hotmail.com

ZORRO DE ALEX TOTH NO BRASIL



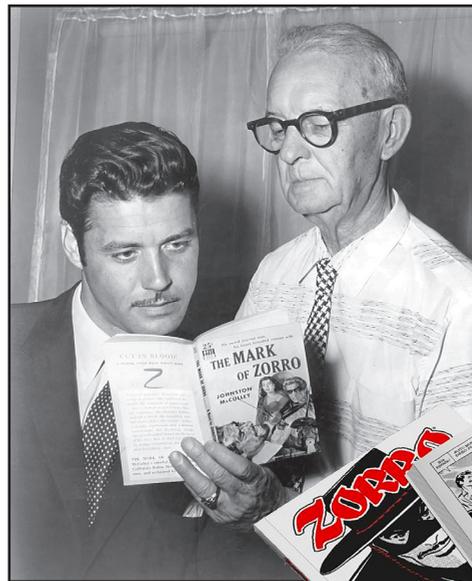
Zorro, personagem criado pelo escritor americano Johnston McCulley (1883/1958), surgiu na obra literária *A Maldição de Capistrano* (*The Curse of Capistrano*), lançada em 1919, e ganhou a primeira versão cinematográfica em 1920, ainda nos tempos do cinema mudo. Na época, o ator Douglas Fairbanks (1883/1939) encarnou o espadachim mascarado, e foi ele que, numa grande sacada, criou e popularizou a ideia do herói marcar a letra “Z” com a ponta de sua espada nas paredes e uniformes dos soldados. Depois, em 1940, o vingador voltou às telonas interpretado pelo genial Tyrone Power (1914/1958), consagrando de vez a criação de McCulley. Nesta segunda versão, o duelo de Zorro com o vilão, Capitão

Esteban Pasquale, vivido por

Basil Rathbone (1892/1967), é considerado ainda hoje como a melhor cena de esgrima da história do cinema.

A capacidade do personagem Zorro em angariar fãs pelo mundo levou Walt Disney a comprar os direitos da obra para a produção de um seriado de TV. A atração estreou no Canal ABC, em 1957 e, apesar do sucesso que consagrou o novato ator Guy Williams (1924/1989), durou apenas duas temporadas com 78 episódios e mais quatro especiais.

No Brasil, além do seriado de TV, o público consumia as aventuras do Zorro em histórias em quadrinhos, publicadas pela editora Abril, que vinculava as criações da Disney. Os quadrinhos eram 100% inspirados nos episódios de TV, com os personagens consagrados da produção, e foram publicados mensalmente no *Almanaque Disney*, e em pelo menos 3 edições especiais, dois pequenos almanaques e mais um curioso encontro de Mickey Mouse, Pateta e Zorro numa edição da revista mensal do camundongo símbolo da Disney, em sua publicação nº 308. Parte desses quadrinhos eram roteirizados e desenhados por brasileiros, nos anos 1970, especialmente pelo argentino radicado no Brasil, Rodolfo Zalla (1931/2016). Dos roteiros e ilustrações que chegavam dos EUA, as artes que marcaram a infância de muitos leitores foram as obras criadas pelo ilustrador Alex Toth (1928/2006), genial desenhista que também se consagrou atuando para os estúdios de Hanna-Barbera, para os quais criou o herói Space Ghost. Em 1991, as páginas de Zorro desenhadas por Toth foram publicadas no Brasil numa coletânea editada em formato de álbum de luxo pela editora L&PM, que hoje é rara peça de coleção.

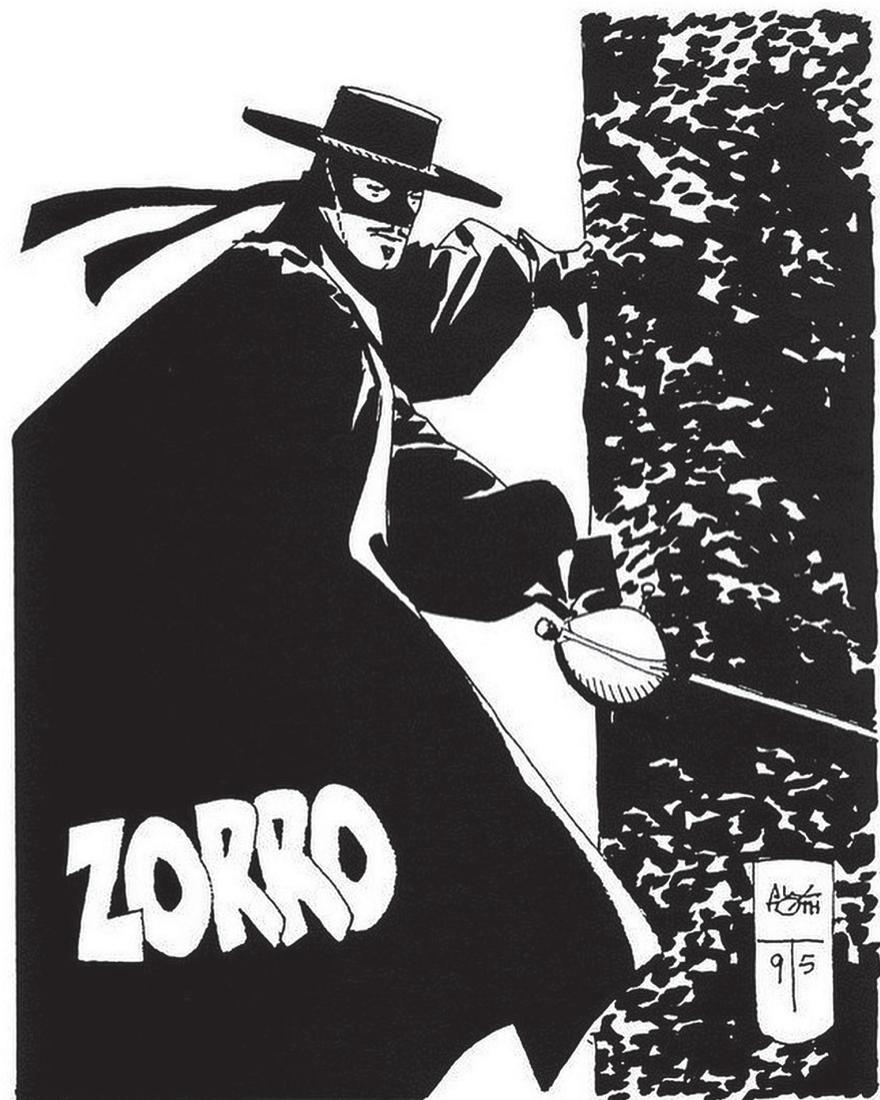


Guy Williams e Johnston McCulley.

nagens icônicos como o Sargento Garcia, Bernardo e Capitão Monastério, eternizados pelos atores Henry Calvin (1918/1975), Gene Sheldon (1908/1982) e Britt Lomond (1925/2006), respectivamente.

Fundada em 2020 por José Braga, técnico em efeitos especiais para cinema e entusiasta das histórias em quadrinhos, a J Braga Comunicação pretende investir em novos lançamentos do gênero, e trazer, inclusive, obras inéditas no Brasil. No site da empresa, jbragacomunicacao.com.br, o leitor do JORNAL DE LETRAS pode comprar *Zorro*, e outros lançamentos da editora. A J Braga atende também pelo endereço eletrônico jbragacomunicacao@gmail.com, ou no WhatsApp (11) 97681-7979.

Saúde e arte!



Zorro no traço de Alex Toth.

Graças à recém criada J Braga Comunicação, o Zorro desenvolvido por Alex Toth está de volta. Num belo encadernado, formato 20,5 x 28, com 224 páginas, a publicação apresenta 16 histórias para matar a saudade de perso-



A filosofia da avaliação

Por Roberto Boclin*

Desde 1976, quando o professor Claudio de Moura Castro implantou a Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior (CAPES), que se iniciou a construção de uma cultura de avaliação da educação no Brasil. No final dos anos 1990, foi implantado o Programa de Avaliação Institucional das Universidades Brasileiras (PAIUB), em 2004, substituído pelo provão, seguido pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e outras importantes iniciativas como o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES).

De fato, outros programas importantes foram implantados, como o Sistema ISO e o Balance Score Card, para avaliar o desempenho das empresas, e outros voltados inclusive para a Acreditação de programas na área da saúde.

Avaliar tornou-se atividade estratégica, embora com muitas dificuldades de compreensão na sua origem.

Os cursos de mestrado e doutorado sobre avaliação, que nos últimos 15 anos foram oferecidos pelas Instituições de Ensino Superior públicas e privadas, abordam várias e importantes questões, seja na definição das áreas abrangidas, como, por exemplo, a área técnica e instrumental da educação, a da gestão envolvendo princípios associados ao desempenho científico e empresarial, destacando sempre o órgão que avalia atribuindo valor a alguma coisa cuja origem etimológica é o latim *a-valere* destacando sempre a qualidade.

Como apontava Aristóteles, o valor equivale ao ser ou em consequência, o ser e o valor se convertem entre si, isto é, são iguais. Essas posições filosóficas, sejam para Platão como para Aristóteles, defendiam que as condutas para serem éticas deveriam estar comprometidas com o “ser”. No caso, o parâmetro das condutas era o “ser”. Em Platão, chegava-se ao Sumo Bem – ao ser – pela educação, e também pela razão. Ou seja, o ser e o valor convertidos metafisicamente em iguais.

O ato de avaliar implica em que um avaliador, diante da realidade, lhe atribua um valor ou uma qualidade, a partir de um determinado critério considerado como válido, o que pode ser identificado pelo fato de que a avaliação se manifesta como uma investigação da qualidade de alguma coisa.

Do ponto de vista etimológico, o valor e a qualidade são realidades que se sustentam “em outro”. Os filósofos clássicos, na Grécia Antiga e na Idade Média, tanto de linha platônica como aristotélica, defenderam a compreensão de que o valor tem uma entidade ontológica constitutiva, substancial, porém, atualmente sabemos que não. Platão dizia que o valor é o Sumo Bem, metafisicamente tomado, e Aristóteles dizia que o valor equivale ao ser – esse *et bonum convertuntur*, o ser e o valor se convertem entre si, isto é, são iguais. Essas posições, tanto para Platão como para Aristóteles, eram consistentemente verdadeiras.

Emanuel Kant, filósofo do século XVIII, para quem o ser era incognoscível, o valor se desatrelou do ser e passou a ter por base a vontade do ser humano, que passou a ser o legislador universal. O primeiro imperativo categórico ético – portanto, prático, não metafísico –, proposto por Kant, dizia: “Faça as coisas de tal forma que todos possam fazer igual a ti.” Já não era mais o “ser” que regia o valor, mas a vontade do sujeito.

Os valores e as qualidades não são absolutos, como queriam Platão e Aristóteles, porém, sim, comprometidos com as circunstâncias, onde eles se dão e são assumidos como válidos. Como exemplos, podemos sinalizar que o bom, o belo, o honesto, os justos não existem por si mesmos, mas agregados em outro, através de uma atribuição do sujeito – mulher bela, homem bom, ato honesto.

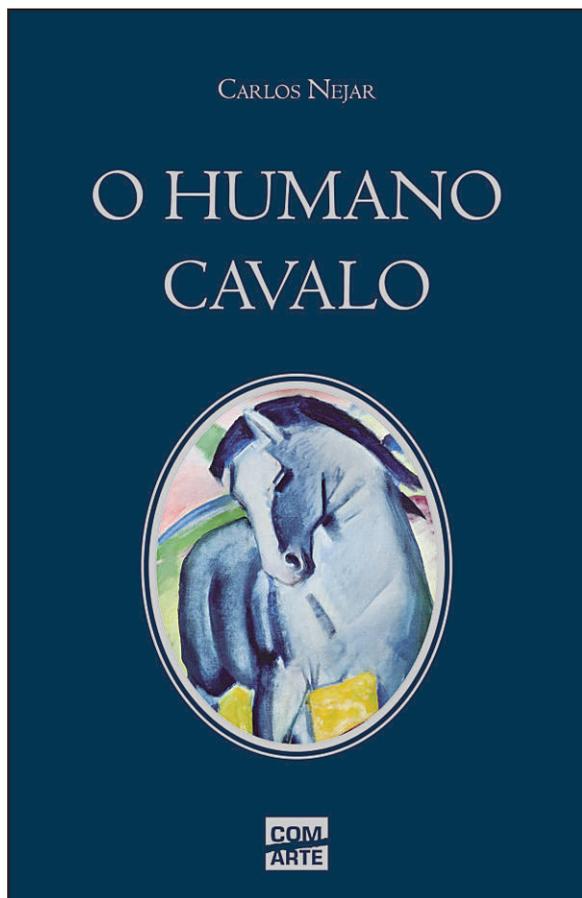
Para ser avaliada, a realidade necessita ser configurada por indicadores específicos, e comparada com um critério, que permitirá

dizer se é expressa uma qualidade satisfatória, ou não, atendendo ou não ao critério; por isso, a qualidade não é absoluta, porém, válida, ou não, frente ao critério utilizado. Podemos concluir que nos atos avaliativos existem duas possibilidades: (1) atos avaliativos que incidem sobre alguma coisa concluída, assumida como produto final, e (2) atos avaliativos que incidem sobre alguma coisa em processo, assumida como em construção. Aos primeiros, dá-se o nome de avaliação de produto ou somativa e, aos subsequentes, o nome de avaliação de acompanhamento ou formativa. Esse esquema teórico nos dá um mapa para identificar um caminho no emaranhado de conceitos no qual nos encontramos. Na avaliação de produto, nossa ação de avaliador se encerra no testemunho que oferecemos de que um determinado produto – produto industrial, instituição, organização, órgão público etc. – apresenta a qualidade necessária. Uma certificação ISO funciona dessa forma; o Inmetro também certifica os produtos industriais do mesmo modo; as sociedades profissionais atuam de modo semelhante, certificando médicos, advogados, engenheiros. Todos, após uma investigação, testemunham a qualidade que encerram. Os valores e as qualidades não têm entidade própria, quando hipostasiados de “ser” do seu objeto de investigação e o ato de avaliar se transforma em substantivo abstrato, o que quer dizer que não têm realidade, tais como bondade, beleza, honestidade... São denominadas qualidades abstratas. Com esse arcabouço histórico, filosófico e gramatical, podemos caminhar um pouco mais na compreensão do ato de avaliar, que se traduz por uma “atribuição de um valor ou de uma qualidade a alguma coisa, tendo por base suas propriedades”. Para tanto, importam duas coisas: de um lado, uma descritiva da realidade, baseadas nas suas propriedades “físicas”, e o termo “físicas” está colocado entre aspas para lembrar que nem tudo o que é “físico” é tomado em sentido amplo, e desse modo nem tudo que é “físico” se dá aos sentidos como um pedaço de madeira; o que quer dizer que condutas, operações mentais... também são físicas, reais, nesse sentido amplo e, por isso podem ser avaliadas, e, de outro, um critério, que sirva de parâmetro para a atribuição da qualidade. Para ser avaliada, a realidade necessita de ser configurada por suas propriedades essenciais e, a seguir, comparada com um critério, que permitirá dizer se é expressa uma qualidade satisfatória, ou não, atendendo, ou não, ao critério; por isso, a qualidade não é absoluta, porém, sim, válida, ou não, frente ao critério utilizado. Há uma ação em andamento, daí não poderemos fugir de uma intervenção, se necessária, para que os resultados desejados e estabelecidos sejam atingidos. Essas duas modalidades do ato de avaliar reúnem todas as possíveis práticas da avaliação em todas as áreas de ação humana. Um artista plástico “acompanha” e corrige sua obra até que dê por concluída, quando, então, entrarão os críticos para testemunhar sua qualidade. Um arquiteto “acompanha sua obra” até ser concluída e, a seguir, entrega ao seu proprietário para que testemunhe a sua qualidade. Um gestor de uma instituição, certamente, terá que acompanhar sua instituição para sempre, tendo em vista mantê-la em estado satisfatório de funcionamento. Porém, o gestor de um projeto terá que acompanhá-lo para que chegue ao seu final num termo satisfatório; mas, encerrado o projeto, só existirá a possibilidade do testemunho de sua qualidade final, seja ela qual for. Ainda vale uma última observação epistemológica sobre o ato de avaliar: ele é um ato de investigação tão rigoroso quanto é rigoroso o ato de investigar na ciência. O ato de atribuir qualidade necessita de uma coleta de dados consistente sobre a realidade. Caso contrário, ele será pura arbitrariedade. O mesmo ocorre com o estabelecimento do critério de avaliação – seja no âmbito da filosofia, da ética, a ação social, da ação política, comunitária, religiosa, educacional... Importa que o critério de avaliação seja preciso (com contornos definidos), claro e explícito, larga e consistentemente estabelecido.

*Roberto Boclin é membro da Academia Brasileira de Educação, diretor Científico da Associação Brasileira de Educação e vice-diretor da Fundação Cesgranrio.

Reflexões sobre a arte da escrita

Por William Soares dos Santos*



Muitos escritores já se utilizaram de animais e insetos como metáforas para diversos aspectos da condição humana. Talvez, um dos casos mais conhecidos seja o do romance *A Metamorfose* de Franz Kafka (1883-1924), em que o personagem principal (Gregor Samsa) se vê transformado em um inseto (que pode até ser uma barata, mas, na verdade, o texto não o nomina). No texto de Kafka, a transformação do ser humano em um inseto de casca dura pode ser lida como uma metáfora para dificuldade de o personagem lidar com o mundo social à sua volta e de conquistar a afeição de sua família. Algo paralelo acontece

no novo romance de Carlos Nejar, *O Humano Cavalo* (2022), no qual o autor recorre à figura do cavalo para narrar, dentre outros temas, uma complexa relação entre pai e filho.

No começo do livro de Nejar, o filho é afrontado pela descoberta de que seu pai é, na verdade, um cavalo que se esconde sob a aparência humana e o uniforme de um militar. A narrativa mostra uma tomada de consciência difícil por parte do filho à medida que vê transparecer em seu pai algumas das características mais negativas (sempre atribuídas por nós, seres humanos) do animal, como, por exemplo, uma força difícil de ser domada, o uso repentino da violência e uma forte necessidade de dominação. Apesar dessas evidentes relações metafóricas, o romance não é, de forma alguma, superficial, já que há muitos sentidos profundos (que não poderei explorar devido ao espaço limitado que tenho aqui) na tecitura do romance.

Assim como acontece com o personagem de Franz Kafka, que é atingido violentamente pelo pai, que lhe joga uma maçã de forma tão forte que o deixa incapacitado, o filho, personagem do livro de Carlos Nejar, é atingido inesperadamente por um violento coice do pai, em uma manhã, enquanto tomava café. A brutalidade do ato foi tão devastadora que não resta ao filho que fugir da casa do pai e procurar abrigo em um lugar no qual possa inventar o seu próprio mundo. Em sua angústia, dentre as várias questões levantadas pelo filho, está a de que, talvez, igualmente ele, carregasse em si o “germe do cavalo”. E se ele também estivesse fadado a se transformar em cavalo, como lidaria com a força destruidora do animal que correu as entranhas de seu pai?

No jogo de tensões da narrativa, nada é simples, o pai não pode ser identificado, meramente, como uma imagem do mal, uma vez que ele mesmo tem de lutar contra a violência da besta que carrega dentro de si. Prova disso é que, em um dado momento dessa batalha, o filho olha o pai com misericórdia: “Tive misericórdia de meu pai, pois uma crueldade indefinível o atacara (...)” (p. 39). Em seguida, na tentativa de se comunicar com o seu pai, o filho demonstra a esperança de que o pai

subjugará o cavalo dentro de si. A misericórdia e a esperança, despertam no filho a percepção mística da condição de seu pai e da sua também. Por isso não me parece casual a evocação repetida do nome de Deus na carta que o filho escreve ao pai. Nessa tentativa de se comunicar com o pai, a palavra assume a força criadora e unificadora do Cosmos e podemos perceber que a busca do filho por seu pai é uma busca dupla, pois ele procura o pai terreno ao mesmo tempo em que busca a palavra do Pai supremo como um destino inexorável: “(...) só a palavra pode unir as duas partes, ligando o abismo. Não se escapa de Deus” (p. 43).

A luta narrada pode ser contemplada através da chave de leitura mística, mas ela também pode ser lida como um choque de civilizações na qual a força do animal confronta a do homem. E a esse respeito a história surpreende os leitores: com o decorrer da narrativa, o cavalo deixa de ser uma metáfora do animalesco para se transformar em símbolo da liberdade. Trata-se de um momento no qual o escritor lida habilidosamente com o jogo das múltiplas significações que o animal carrega consigo e a sua liberdade passa a expressar o desejo de fundação de uma nova forma de civilização, ao que o narrador nos pergunta: “e o que é a civilização senão uma história que volta à infância, como a dos cavalos em bando, que inocentes saíam para o alvorecer do mundo?” (p. 57).

Na sequência da narrativa, a luta também se inverte quando o filho precisa, ele mesmo, lutar contra o cavalo que parece querer surgir de seu interior. Mas, diferentemente do pai, ele encontra outra saída para a difícil batalha ao se abrigar no logos divino: “Foi quando peguei na mão a palavra, porque disse que estou encantado em Deus e comi a palavra, como se come alface ou tomate (...) E deixei que a palavra fizesse por mim o que não sabia (p. 66). Mas adiante, essa palavra é comparada a uma maçã. Assim, se na narrativa de Kafka a maçã é algo que destrói, um símbolo da tentação que expulsa o homem do paraíso, no texto de Carlos Nejar carrega a palavra que restaura a árvore, símbolo da vida: “Mas confesso ser a palavra mais poderosa do que o cavalo e bem mais sábia do que eu. A palavra, maçã dentro de outra e outra. E uma árvore” (p. 73).

No desfecho da narrativa de Franz Kafka, Gregor Samsa é sacrificado na forma de inseto, em um ato que lembra aquele feito pelo Cristo para trazer a paz ao mundo e fazer renascer através de seu holocausto o amor daqueles que o cercavam. A narrativa de Carlos Nejar traz uma solução não menos tocante: uma distopia toma conta do mundo, agora governado por cavalos em mais uma inversão do sentido dado ao animal que passa a ser, novamente, negativo, deixando de simbolizar a liberdade para representar o poder ditatorial que governa com brutalidade o destino dos cidadãos sob o seu jugo. Os homens são perseguidos. Seguem-se as revoluções. Ao final, os leitores são confrontados com o sacrifício da morte e a surpresa da ressurreição. No livro de Kafka, o amor buscado se revela após morte do inseto, no de Nejar “é o amor que equilibra o universo, como o universo equilibra o amor” (p. 97). Essas relações que trouxe nesta minha breve leitura em paralelo das narrativas de Kafka e de Nejar tão somente nos mostram o quão atual e universal são as escritas de ambos os autores, e que a arte da escrita se alimenta permanentemente de si própria, em uma contínua corrente que une os grandes escritores universais.

Algo que não posso deixar de mencionar sobre o texto de Carlos Nejar é que ele é uma narrativa de perguntas profundas que são deixadas, sabiamente, à reflexão daqueles que o leem, levando-nos à percepção de que um bom livro não é, necessariamente, aquele que nos traz respostas, mas que faz as perguntas necessárias para a iluminação e o espanto de seus leitores. A fraseologia e o modo particular de narrar de Carlos Nejar são outros pontos fortes dessa narrativa, que se reveste de tal forma de verossimilhança e convencimento ante aos nossos seres que, ao nos entregarmos a ela, quase nos esquecemos de tratar de uma história fantástica. Mas, talvez, seja justamente por isso que ela nos envolva, por ser daquele tipo de fantástico que fala tanto à vida interior e social dos seres humanos, muitas vezes, nos dando a força de que precisamos para continuar, pois, como podemos ler no texto de Nejar (p. 62), “é preciso continuar vivendo apesar dos desastres ou tempestades”.

*William Soares dos Santos é professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e escritor.

#AFavorDoBrasil



Visite nosso site e saiba mais



CHEGOU AHORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o "CNC Transforma", movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em afavordobrasil.cnc.org.br



Federações



Sindicatos



SESC



Senac

Trabalho a favor do Brasil.

Calder e Miró na Casa Roberto Marinho

Por Maria Cabral



Casa Roberto Marinho



Manoela Ferrari, do *Jornal de Letras*, ao lado da escultura em folha de metal, arame e tinta, de Alexander Calder (1962), emprestada pelo colecionador de arte Luiz Carlos Ritter.

Sob a curadoria de Max Perlingeiro, a coletiva “Calder + Miró”, em exposição na Casa Roberto Marinho, destaca a ligação entre o escultor norte-americano Alexander Calder (1898-1976) e o pintor espanhol Joan Miró (1893-1983) com o Brasil.

Reunindo cerca de 150 peças (algumas inéditas no país), entre pinturas, esculturas, maquetes, joias e outros objetos, a exposição ocupa ainda os jardins, onde estão instaladas quatro obras. Trabalhos de artistas influenciados pelas produções da dupla também integram a mostra, que pode ser vista até o dia 20 de novembro.

Segundo Lauro Cavalcanti, a exposição assinala um momento muito especial da Casa

Roberto Marinho, ao reunir dois fraternos gigantes do século XX, interlocutores numa extensa conversa lúdica envolvendo invenção, humor, sínteses e afinidades: “É também a primeira mostra alavancada pelo acervo de um dos filhos do nosso patrono: a coleção Karin e Roberto Irineu Marinho”, afirma. Às suas obras juntam-se, no espaço do Cosme Velho, trabalhos de 6 instituições e de 32 particulares, entre eles, do colecionador Luiz Carlos Ritter e da acadêmica Nélida Piñon.

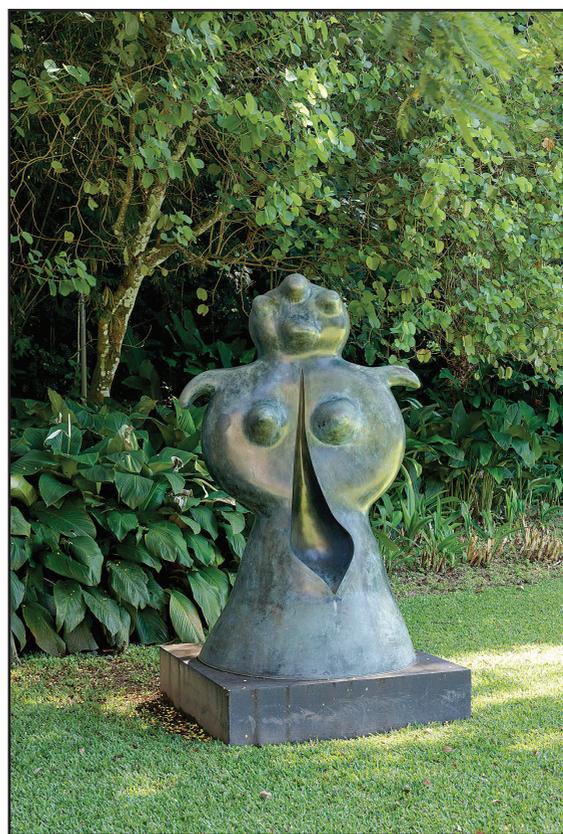
A Casa Roberto Marinho fica na Rua Cosme Velho 1.105 (telefone 3298-9449). O horário de visitação é de terça-feira a domingo, das 12h às 18h. A entrada é grátis às quartas-feiras e custa 10 reais, nos outros dias.



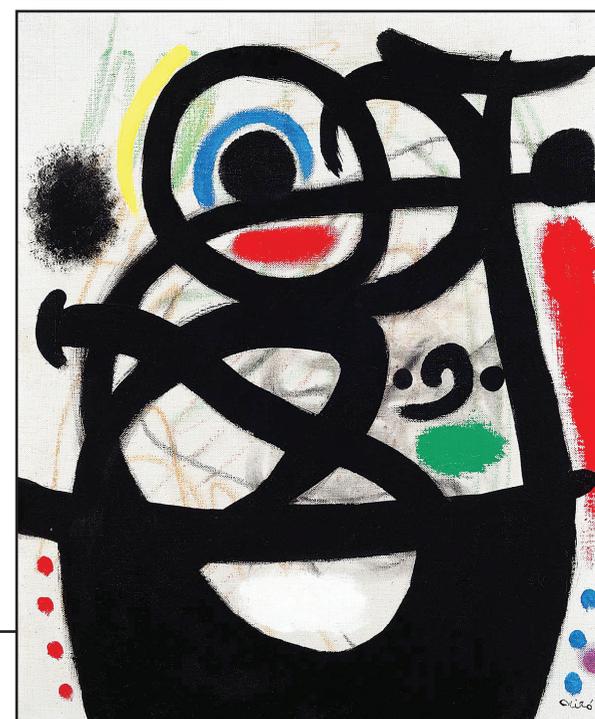
La Mejesté (1967). Bronze pintado, Joan Miró.



Bent Propeller (1970), chapa de metal, Alexander Calder.



Femme debout (1969), fundição bronze de Joan Miró, no jardim da entrada da Casa Roberto Marinho.



Femme (1969), óleo sobre tela, Joan Miró.

A dor que ficou

Por Gabriel Chalita*

Foi uma história tão bonita que duvidei quando ouvi o fim. Eu era menina ainda quando ele sussurrou em mim promessas de amor. Demorei a abrir as portas. Tive medo. Sabia, de ouvir, os riscos da sedução, do encantamento, dos pés que deixam de pisar para dançar, conduzido por quem, até ontem, sequer existia.

Olhava uma tia que se divertia costurando roupas rasgadas para distrair o tempo e não pensar nas próprias rasgaduras. Teve dignidade, tia Eulália. Viu o marido fazendo a troca e disse silêncios. E prosseguiu educando os filhos e regando a vida com bondades. Nenhum amargor. Não tenho essa força.

Mauro explicou aos meus pais a intenção. Corei. Ele estava com os cabelos ainda molhados, com uma calça social e uma camisa devidamente correta. Um perfume leve por desconhecer o gosto dos dois. Só depois nos beijamos. Foi meu primeiro beijo. Achei diferente, apenas.

Casei sem entender. Ele foi paciente, preciso dizer. E, aos poucos, o prazer foi despedindo meus medos. E, durante quarenta anos, vivemos.

Era quase o meu aniversário de sessenta anos quando ele disse que não poderia viver da mentira. Eu sentei para evitar desmaios. Mais de uma vez, olhei para o lado para não ver o que me diziam. Mauro já não se contentava com o que tínhamos. E, nos últimos tempos, ele pouco me procurava. Sou de me acostumar. E estendi a ele outras formas de amar.

Não bastou. Foi com Elvira que ele explicou que começaria outra

vida aos quase setenta anos. Olhei nos seus olhos e uma dor imensa percorreu o meu pescoço e estacionou também em minhas costas. Ele foi solícito explicando que nada me faltaria. Eu ensaiei dizer que faltaria, sim. Que eu queria o nosso passado de volta. Que eu lembrava as músicas que cantamos juntos nas serenatas do meu pai. Comi as palavras para não desperdiçar. A decisão estava tomada.

Nossa filha, dias depois, depois de espantar alguma raiva, profetizou que ele iria voltar. Nosso filho culpou o pai. O pai que eu desculpei. A herança já estava em mim, a dor que ficou. Fiz compressas de água quente, tomei remédios, rezei. E a dor ocupava o lugar da alegria.

O seu lado da cama conversava comigo. E com minha solidão. Não mexi nos retratos. Fazem parte de uma vida inteira. Nas minhas orações, eu me lembrava de tia Eulália que, uma vez, me disse que ninguém tinha culpa de deixar de amar. A questão em mim não era a culpa, era a dor. No pescoço, nas costas e na alma.

Não sei costurar. Nunca soube. Então, prossegui rasgada. Não sei se era amor ou costume. Não sei se a sensação de ser trocada desenhou sentimentos novos em mim. O choro noturno é melhor. Sem testemunhas. Não quero desdizer o que vivi. Um dia, conseguirei agradecer e seguir em frente, com ou sem dor.

Há algo em mim que ensaia alguma esperança. Há amores que nascem na maturidade. E eu sou cuidadosa com a vida. Vou viver muito. Ah, quero voltar a dançar acompanhada, por que não? E também fazer amor. Mesmo que para isso eu precise aprender a costurar. Enquanto a primavera não vem, vou cuidar de cuidar da terra. Os florescimentos têm seu tempo.

É quase dia. Gosto dessa luz que empurra a noite. E do cheiro do café que ainda vou fazer. E do prazer de não desistir. Os vazios se preenchem com o tempo, com a inegociável decisão de prosseguir. Hoje, já não sou a menina medrosa. Sou a mulher, desenhada de vida, que compreende a beleza do amar.

*Gabriel Chalita é membro da Academia Paulista de Letras.

Toda teoria tem um LADO PRÁTICO. ESTÁGIO

o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- ▶ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▶ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▶ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▶ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !

INFORMAÇÕES:
Disque Estudante
(21) 3535-4545



Cadastre-se através do site www.ciee.org.br



COLEÇÃO SESC CRÍTICAS

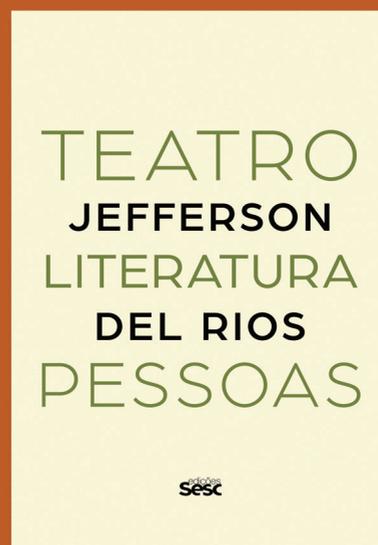
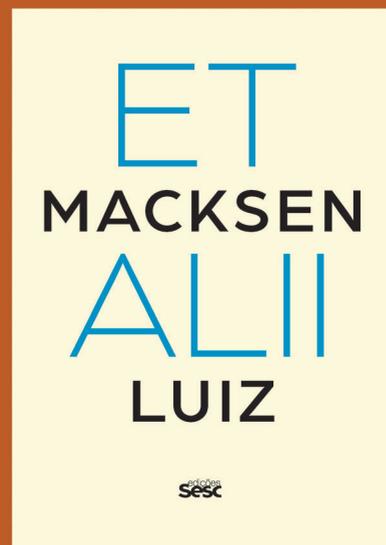
MARIANGELA ALVES DE LIMA | NA PLATEIA

Organização: **Marta Raquel Colabone** com colaboração
de **José Eduardo Vendramini**

Integrante da Coleção Sesc Críticas, o livro apresenta uma criteriosa seleção dos textos publicados por Mariangela no período de 1972 a 2010 no jornal O Estado de S. Paulo. Um registro da história do teatro encenado em São Paulo, que permite apreciar novamente as inúmeras companhias teatrais que Mariangela viu nascer e se desenvolver.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



**SÁBATO MAGALDI
AMOR AO TEATRO**

Organização: Edla Van Steen
e José Eduardo Vendramini

MACKSEN LUIZ ET ALII

Macksen Luiz do Rozario Filho

TEATRO, LITERATURA, PESSOAS

Jefferson Del Rios

sescsp.org.br/edicoes

[f](#) [t](#) [i](#) [v](#) /edicoessescsp

edições
Sesc